

Revista Devires Poéticos

Um toque de encantamento





Revista Devires Poéticos

Um toque de Encantamento

jan./jun. de 2021





Expediente

Periodicidade: Semestral

Idioma: Português

Distribuição: Online e gratuita em PDF.

Diagramação: Marcos Andrade

Revisão: Feita pelos próprios autores

Capa: Joel CostaMar

Ana Angélica Ferrazi
Letícia Érica Gonçalves Ribeiro
Maria Toinha
José Ricardo Tomé dos Santos
Conselho Editorial

Antônio Jefferson Teixeira Sousa
Editor-Chefe

Marcos Andrade Alves dos Santos
Editor-Chefe

Revista Devires Poéticos.
Trairi/Itapipoca, Ceará, v. 1, n. 1, jan./jun. de 2021.

Os textos e materiais aqui publicados são de inteira responsabilidade de suas/ seus autoras/es. É possível fazer a reprodução dos textos veiculados na Revista Devires Poéticos, desde que se jactada a fonte, com menção aos respectivas/os autoras/es.

<https://devirespoeticos.wixsite.com/antologia>

Editorial

Estimado (a) Leitor (a),

A Revista Devires Poéticos surge a partir do engajamento de dois jovens escritores interioranos no campo da Literatura, Jefferson Sousa e Marcos Andrade, respectivamente. Abrir caminhos para a Literatura no Nordeste Brasileiro foi desde o princípio uma das missões assumidas pelo Projeto Literário Devires Poéticos. Duas Antologias foram publicadas sob essa marca e agora nasce a Revista, renovando o fôlego do Projeto em meio à pandemia causada pela Covid-19.

Produzir Literatura onde a experiência literária ainda está sendo ampliada e não é devidamente valorizada – do ponto de vista das políticas públicas culturais – é um desafio. Esse desafio nos instiga e nos ajuda a construirmos criativamente a Revista Devires Poéticos por meio de diversas parcerias. O periódico, portanto, já nasce faminto por engajamento, por mobilizações afetivas que criam possibilidades para sonhar.

Tendo nascido quando a pandemia da Covid-19 se mostra persistente no Brasil, a Revista Devires Poéticos rememora as vítimas desta catástrofe, solidarizando-se com as famílias e com os entes queridos dos mais de 525 mil brasileiros perdidos. O momento é de indignação, de revolta, de tristeza, de luto e de luta pela garantia de vacinas para todas e todos que vivem no Brasil. A Revista reafirma o compromisso social em defender que “Vacinas salvam vidas”.

Os textos que compõem esta primeira edição da Revista Devires Poéticos foram escritos por autoras/es dos mais diferentes Estados do Brasil. Isso não significa que a Revista tenha se absterido de seu comprometimento com a valorização das/os autoras/es do Nordeste brasileiro. Na verdade, o Projeto possui um caráter aberto, democrático e gratuito, recusando qualquer forma de restrição que impeça alguém de participar da Seletiva. Comprometer-se com a Literatura Nordestina e Cearense não significa excluir outras expressões literárias, quando isso consiste em recusar a participação de autoras/es de outras regiões do país. A Revista Devires Poéticos acredita que podemos construir pontes ao invés de muros. Podemos propor uma geografia dos afetos (sem a intenção de romantizar os conflitos) contra uma dinâmica da separação administrada largamente pelo poder capitalista, racista e colonial.

Por fim, registramos que a Revista Devires Poéticos ganhou vida a partir de um fôlego de encantamento trazido por Maria Toinha para este mundo. Nossa capa, tecida com Encantamento por Joel CostaMar também é fruto dessa relação com a anciã que faz amanhecer os dias com as rolinhas da Lavagem. Maria Toinha descostura mundos colonizados e abre caminhos para o encantamento da literatura, da escrita autobiográfica e da produção acadêmica a partir dos saberes afro-ameríndios aos quais se refere em suas narrativas. Ela nos abre um mundo encantado a partir da experiência da mulher negra “comum”, quase sempre negada, apagada, silenciada pela narrativa hegemônica colonizadora, racista e capitalista.

As antigas estradas da Lavagem se abriram para possibilidades inscritas nos sonhos. Essa Revista deve muito à nossa anciã tecedora de amanheceres.

Viva à Mística dos Encantados! Viva Às linhas sagradas que nos ligam! Viva aos Devires Poéticos!

Os Editores

Gira

O som dos atabaques
É o terreiro a me chamar
Hoje tem Gira de Caboclo
Com Jurema a encantar

Sinto o incenso defumar
Arruda e beijoim,
Deixo a fumaça me envolver
A guiné e o alecrim

O som dos atabaques
Preto Velho a me guiar
Ouço a voz da Vó Maria
Ancestrais que vêm falar

Me entrego a essa guiança
A essa paz que me conduz
Me sinto como criança
Com a proteção que vem da luz

Ao som dos atabaques
Louvo as minhas Ayabas
Salvo a sábia mais antiga
Naná Baruquê oh saluba

Ouçó o zumbido dos ventos
É Iansã que vai chegar
Com sua saia vermelha
Eparrey Bela Oyá

Minha Mãe vem com o seu manto
Azul da cor do mar
Cobrindo todos seus filhos
Odocyabá Iemanjá

Oxum vem com sua beleza
Trazendo suas águas claras
lavando tristeza e dor
Ora Yê Yê ô

O som dos atabaques
É o terreiro a me chamar
Vem pra Gira
Vem pra Gira

Vem pra Gira
Oh vem girar!



Letícia
Érica
Ribeiro

Sumário

Um Toque de Encantamento	11
A força das mulheres negras	15

Poesia para sonhar

Quando se ama	18
Cajueiro	19
A voz do vento	20
O tempo bom	23
Destino	24
Sol Supremo	25
Pequeno Lince	26
Noite Mágica	27
Transmutação	28
Mudança Mentirosa	29
Bons Tempos	30
Mil Dias	32
Fugitivo	33
Barata	34
Não quero ser poeta	35
A poesia de alguém	36
Ser em tormentos	38
Inconclusão	39
Inexplicável	40
Brasil, meu Brasil!	42
Esperança	43
Enigma no parecer	44
À espera de um milagre	45
Chama Viva	46

O astro incomensurável	47
Transmigração	48
À espera do nada	49
Ninho	50
Distante.....	51
Pandemia ou Genocídio?	52
Nem sequer a despedida foi possível a esse amor	53
Sem direção	55
Que seja assim	56
Livro-me	57
Meu Olhar	58
Barquinho ao vento.....	59
Acerto de contas -	60
Voz interna.....	61
Não fingimento	62
Carta à minha filha	63
Mudanças	64
Travesseiro	65
Pouso.....	66
Tempestade em barco de papel	67
Sem pressa.....	68
Não me chame de.....	69
Como a poesia	70
Apaixonado por ti.....	71
Inquerir e Inquirir	72
Riozinho	74
Não é amor.....	76

Contos para sonhar

Balançando na Chuva.....	78
Final de semana em família	80
Sessão entre dois ou confissão de um apenas.....	82
O amor nasceu em meio à dor	83
O preço da virtude.....	85

A ladainha do diabo	88
Feliz Ano Novo	90
Os lábios de Catarina.....	93
WI-FI no Sertão.....	96
As aventuras do gatinho Bombom.....	98
Os flautistas de Hamelin.....	100
Os Sertões do amor: panos refeitos	101
O Antigamente das Cacimbas.....	104

Um toque de cordel

A Lenda da Lagoa do Criancó	109
ATANDO LINHAS, CONSTRUINDO REDES	113
Sobre a Rede Alagadiço	113
NOTAS CELEBRATIVAS.....	116
O Choro do Guerreiro	118

Um Toque de Encantamento

Joel CostaMar



*“Num vim aqui falar de sorte,
empedrar a palavra que explode na mina corroída mais ao norte,
que tem fala de assobio na poeira e no corrupio da morte...”*

A frase acima citada é de autoria de uma entidade da **Umbanda** da **linha sagrada dos Caboclos de Couro**, que diz muito de mim e de toda forma de vida que percorre mundos e sentidos para nutrir-se da poética inerente aos **Caminhos Encantados**.

Minha memória me remete a antes mesmo de eu nascer, época do desviver. A memória sensorial que meus anos de vida me proporcionaram me dão sentido e reflexão sobre isso. Nasci natimorto e fui feito no Omulú no Terreiro Cultural “**Casa Luz da Manhã**” em 2020, em Vila Isabel no Rio de Janeiro, onde renasci como indivíduo plural e artista múltiplo que desabrochou após um infarto. Vivo e renasço entre processos de vida e morte no enfrentamento daquilo que minha formação espiritual, filosófica e artística me impele e me acalenta.

“ Cheguei nesta dimensão no dia
25 de agosto de 1963, em São
Caetano do Sul, próximo à capital
paulista. ”

Joel da Costa Marques

Filho de portugueses vindos das aldeias do centro de Portugal, minha criação foi diversa num mundo sobreviventista de emigrantes, atrelada às multiplicidades de uma cidade cosmopolita sem raiz e história própria, mas que compreende uma amálgama complexa de saberes intensos.

A **Umbanda** foi apresentada a mim aos meus 11 anos de idade, bem como as artes: Teatro, artes visuais e a música.

Mergulhei nos estudos e práticas desses saberes durante 10 anos da minha juventude, onde trilhei caminhos que me nutriram daquilo que me compreendia, onde, porém, também, me deparei a todo momento com os enfrentamentos de uma sociedade que tenta nos formatar em códigos plausíveis para o funcional.

“ Procurei então, através das artes, participar do universo da política, do jornalismo, da arte de rua, do teatro de rua, dos estudos filosóficos, místicos e vivências alternativas que viabilizassem todo o potencial que se aflorava. ”

No momento em que essa busca se esgotou no tempo e no espaço daquela São Paulo dos anos 90, resolvi então retomar minha espiritualidade e arte numa cidade do interior de Minas Gerais denominada São Thomé das Letras, como início de um resgate interior e de memória das minhas origens aldeãs.

Assumi a astrologia e a interpretação de oráculos, escrevendo então um novo capítulo em minha vida que resgata minha espiritualidade na comunhão com a **Umbanda** através dos rituais que a cultura do povo mineiro, revestida por um

cristianismo nada ortodoxo, me apresentava.

Comecei então, a compor músicas e produzir desenhos e pinturas, retratando aquilo que a mística dessas experiências me afetavam. Criamos numa parceria com amigos afins, um **terreiro sagrado** para dar conta da crescente espiritualidade que se manifestava, e assim permaneceu durante 2 anos, quando, por motivos pessoais, novamente me mudei de cidade.

Em meados de 2006 voltei a morar em São Paulo, unindo toda a vivência de **terreiros** com a música, formando um núcleo de pesquisa e criação artística, de nome “**Projeto in cantaria**”, sabendo que meus caminhos encantados naquele momento me levariam às minhas origens.



Fui a Portugal em 2013 e 2015, em turnê musical e como contador de histórias, a fim de resgatar minha raiz no mundo. Assim sendo, senti a vida pulsante que vinha da terra dos meus antepassados e, ao me sentar sob uma oliveira no quintal da casa de meus bisavós, mirando a minha frente a serra da estrela com seus picos nevados...

[...] um corvo anunciou meu
renascimento e a espiritualidade se
fez presente, nesse instante,
assumi definitivamente meu nome
CostaMar.

Vi e vejo até hoje todas as manifestações da pluralidade das dimensões que nos habita quando expresso em traços e desenhos essa espiritualidade que, de início, retornou fortemente no Rio de Janeiro, onde moro atualmente, e me inspira até o presente momento a criar um foco de manifestação desse **sagrado** artístico ao fundar junto a [Alexander Martins Vianna](#) o Terreiro Cultural “**Luz da Manhã**”, em abril de 2020.

Compreendo hoje, que sou um atuante das artes e do **sagrado** e que dimensiono em manifestações que são detentoras de saberes e vivências. Ao estar previamente ciente de que, após uma nova experiência de quase morte vivida em 2019, eu me expandiria além do espaço/tempo que habito, reencontrei no Ceará, neste ano, [Maria Moura](#), ou [Vó Maria Toinha](#), Mãe de Santo detentora de saberes do **sagrado** que abre seu coração para me receber, e assim, fluirmos quando ao nos reconhecermos, trocamos **axés**, experiências e um carinho fraterno que me impulsiona a plasmar em imagens aquilo que os **Encantados** permitem.

Surge então a arte da capa, naquilo que reveste em imagens o seu novo livro “**Caminhos encantados**” ([Maria Toinha](#), 2021), bem como arte da capa **Revista Devires Poéticos** para a qual escrevo. Não como ilustração, mas como uma veste que pretende acalentar e dar sentido à narrativa tão intensa e profunda dessas obras.

Assim me apresento, onde, só tenho a agradecer a vida e as minhas parcerias que nos fazem um corpo maior...

“...pois é tempo de colher o suor do encanto.”

Sr. Zé da Porteira

A força das mulheres negras manifesta em ações comunitárias em Canaan/Trairi/CE

Marcos Andrade

O encontro entre Rita Duenhas e Maria Toinha aconteceu de uma forma encantadora. Rita, residente em São Pedro, município do interior paulista, conheceu Maria Toinha através do seu livro 'A Mística dos Encantados' (2020, Editora Edições e Publicações) e do contato nas redes sociais. Maria Toinha, residente na Lavagem (atualmente conhecida como Canaan), no Município de Trairi/CE, tomou conhecimento da existência de Rita através dos aplicativos de envio de mensagens. O encontro poderia parecer improvável, até mesmo impossível de acontecer. No entanto, todos os caminhos correram nessa direção e elas, ambas mulheres negras, juntaram-se em uma iniciativa de ação social nas comunidades onde Maria Toinha reside.

Rita Duenhas, tem como primeira formação o Serviço Social. Sempre inquieta e incomodada com os desequilíbrios sociais, trabalhou por muitos anos em grandes empresas. Porém "o chamado para realizar mais me impulsionou a fazer outras formações onde pudesse me colocar com mais profundidade no trato humano", conta ela. Há 5 anos, Rita Duenhas fundou o Instituto de Terapias Integrativas do Ser - Manáh, que tem como objetivo oferecer desenvolvimento humano e acolhimento as pessoas em processo de luto. "Um dos principais trabalhos desenvolvidos é a Constelação Familiar e, graças a ele, fui levada para Ong Ação pela

Paz para desenvolver um projeto de Harmonia nas Relações através desta ferramenta para o sistema prisional", relata Rita. E com a pandemia, impedida de realizar presencialmente as atividades, Rita diz que "surgiu a ideia de criar o projeto PAZ no Coração: Liberdade na Prisão, que vem auxiliando inúmeros reeducandos a uma vida com mais paz".

Maria Toinha trabalha como escritora aos 85 anos, reivindicando um lugar para as mulheres negras na Literatura Trairiense. Ela idealizou e coordena com Marcos Andrade, o Projeto Literário A Mística dos Encantados, no seio do qual produz uma ampla variedade de obras artísticas, com destaque para os livros publicados. Em função dessa posição de reconhecimento, a escritora tem recebido muitos contatos, nas palavras dela "já no final desta vida". Um desses contatos foi o de Rita Duenhas, que a procurou para ver como poderia ser feita uma ação social em Trairi, qual seja, a doação de cestas básicas para famílias em situação de vulnerabilidade social na pandemia.



Rita e Maria fizeram chamada de vídeo para tratar da ação, a qual deixava ambas muito sensíveis. Maria Toinha reclamava da fome que passou durante toda sua vida, registrando: *“já teve dias que eu procurei alguma coisa pra comer e dar aos meus filhos e não havia nada. Eu chorava com aquela situação. Cheguei a pedir esmolas.”* Rita, sensibilizada pela tragédia da pandemia, pelo pedido de uma indiazinha encantada e pelo testemunho de Maria Toinha, iniciou uma campanha de arrecadação de fundos que seriam destinados ao propósito das cestas básicas e no dia 05 de junho de 2021, o grande momento ocorreu. As cestas básicas foram adquiridas e doadas às famílias de Trairi, nas comunidades de Peixinhos, Atola, Canaan e Caraúbas.



É preciso dizer que este encontro entre Rita e Maria Toinha foi mediado por este que escreve a matéria. Também atuei com muita dedicação no processo de aquisição das cestas básicas e depois em seu transporte até as famílias beneficiadas. O momento de identificação das famílias e do transporte dos alimentos teve a participação fundamental do Poeta e Professor Ricardo Santos. Ele mobilizou muitas redes de contato até chegarmos naquelas famílias mais vulnerabilizadas pelo instante de pandemia, de modo que pudemos oferecer-lhes esperança diante das dificuldades que enfrentam. Mais do que alimento, levamos esperança para aqueles que diante da fome e do desamparo continuam acreditando que novos caminhos podem ser abertos, que a ajuda chegará enviada pelos encantamentos misteriosos que governam esse mundo.



O encontro entre Rita Duenhas e Maria Toinha germinou frutos muito especiais para pessoas vítimas da desigualdade social e da ineficiência das políticas de combate à pandemia.

Salve a força das mulheres negras!
Axé!



Maria Toinha

Mulher Negra e mãe de santo cearense. Poetisa e Escritora. Publicou os livros 'A Mística dos Encantados' e 'Caminhos Encantados', pela Editora Edições e Publicações.



Rita Duenhas

Mulher negra. Formada em Serviço Social. Fundadora do Instituto de Terapias Integrativas do Ser - Manáh. Consteladora familiar, trabalha no projeto *PAZ no Coração: Liberdade na Prisão*.

Contribua com a iniciativa

A ação social que ganhou corpo a partir das articulações de Rita, em Santo André, e de Maria Toinha, em Canaan/Trairi, encontrará uma nova fase a partir do lançamento do segundo Livro de Maria Toinha, 'Caminhos Encantados', em agosto de 2021. A escritora negra garante que parte dos fundos arrecadados com a venda dos livros serão doados para a confecção de cestas básicas para famílias em situação de vulnerabilidade social na comunidade. Será possível contribuir através da compra dos livros ou pela doação de alimentos ou de valores para o PIX de Maria Toinha: mariatoinha1936@gmail.com

Participar da iniciativa proposta por Maria Toinha e Rita é um ato de amor ao próximo, tendo em vista o dramático momento em que a pandemia da covid-19 se mostra persistente no Brasil e, particularmente, destrói vidas de brasileiros com a ferocidade do vírus, mas também da fome.



Poesia
para
sonhar



Quando se ama

Mailson Soares
Belém/PA

Às vezes se ama demais
Às vezes se esquece depressa
Outros dias, a gente acha que nunca vai esquecer
Ah, viver é bom!

Correr o risco é ser felino que salta ao muro sem quase medir a altura,
é soltar pipa e correr quando ela voa pra longe,
é brincar à noite na rua e voar pra casa quando a mãe chama
A gente esquece, guarda, celebra, divide
toma sorvete na pracinha,
Anda de mãos dadas...
Vão cinco ao mesmo tempo numa só bicicleta

Muitas vezes a gente se engana
sofre... deixa sofrer... se deixa enganar...
Depois acorda!
Faz parte da brincadeira

Adoece, Cura, torna adoecer
Torna Curar
E busca ser sadio
Ser sadio é bom!
Viva a saúde!

Às vezes a gente ama
Às vezes ama demais
Às vezes amar demais vale apenas
Aliás, só vale...
Sempre!

Cajueiro

Alice Souza
Fortaleza/CE

Dia desses prestei atenção em meus pensamentos
Voltei no tempo aos meus 8 anos
Fazia sol e chovia ao mesmo tempo
A terra molhada não me incomodava como hoje
Meus cabelos não precisavam de cremes
Meu rosto não tinha base
E minhas roupas eram as mais simples que alguém poderia ter
E eu não me importava
Tão pouco incomodava
Ao lado do quintal da minha vó
Existia um cajueiro
Eu o achava gigante
E quando eu subia me sentia inalcançável
Poderia morrer ali
De tanto sonhar
Todo dia eu estava lá
Com um caderno de capa mole
E um lápis com a ponta malfeita
Ali eu endereçava cartas
Escrevia tudo que sentia
E desejava que se tornasse apenas sonho
Hoje nada é igual
O rosto tem linhas
Em meus braços fadiga
Não sonho tão alto
Perdi todo compasso
Aquela criança um dia feliz
Morreu longe do que quis
E meu cajueiro preferido
Nunca o vi novamente
Nem as cartas
Hoje escrevo aos meus amores
E desconhecidos
Sempre a verdade do que é sentido...

A voz do vento

Gerson Augusto Jr
Fortaleza/CE

O vento vem cantando

Escute seu cantar

Ele vem anunciando

os tons da estação...

Primavera chegando

Festa da floração...

Sinta o cheiro das flores

quantas pétalas a voar

Colibris enamorados

no jardim das margaridas

Casulo abandonado

É borboleta atendendo

o chamado da vida...

Passarinho brincando

na fartura do vergel

E delicadeza da abelha

na feitura do mel....

O vento vem cantando

Escute seu cantar

Ele vem anunciando

os tons da estação...

Raios iluminando o céu

Trovão a ressoar

Os sentimentos de Gaia

não param de pulsar....

Nuvens grávidas de esperança

promessa de renovação

Acolha a graça da chuva

atravessando a madrugada

É o encanto das águas

na força da invernada

Rio abrindo caminho

para encontrar o mar

Veja o milagre do peixe

sua multiplicação

Pescador tecendo redes

preparando seu pescar

Com as lições da paciência

aprendeu a esperar...

Terra molhada

exalando sinais do cio

Lavrador leva semente

para iniciar o plantio....

O vento vem cantando

Escute seu cantar

Ele vem anunciando

Os tons da estação....

Andorinha voando

Com mensagens do verão

É partida esperada

da ave de arribação
Sinta o sol talhando
a aridez da paisagem
Transformando toda matéria
nas tramas da estiagem
Veja a grandeza dos elementos
terra, água, fogo, ar
Cada um tem seu momento
Cada um tem seu lugar

O vento vem cantando
Escute seu cantar....
Apure seus sentidos
Preste bem atenção....
Diante do esquecimento
 não custa nada lembrar
Que a força ancestral do vento
 balança o mar...

E os sábios diziam
 que tudo está no ar
Tantas coisas escapam
dos limites da razão
Para ter discernimento
É só abrir o coração

O tempo bom

Ricardo Santos
Canaan/Trairi/CE

A Chuva chegou!

Os olhos transmitem alegria e o coração palpita mais rápido.

O verde logo aparece no pasto.

A rã coaxa anunciando a chuva do inverno.

O cheiro do barro, da casa de taipa, nos desperta na noite escura ao chover.

O café, feito no fogão à lenha, nos dar as boas-vindas ao amanhecer.

O friozinho, típico desse período, nos transcende a outros instantes.

O afago daquela que comanda tudo com maestria, simboliza a gratidão de um novo dia.

O Sibite cantando no galho do cajueiro deduz fartura chegando.

A terra a ser plantada aguarda as sementes da esperança.

As famílias jubilam as primeiras espigas e bajas de feijão.

Assim, passamos por invernos e mais invernos.

Destino

Ferrero Oswaldo
Rio de Janeiro/RJ

Se te fizesse uma pergunta
Certamente me deixarias sem resposta.
Se a curiosidade surgisse
Daqui a um tempo estaria morta.
Saber a providência dos fatos
É um caminho ínvio
Nem mesmo eu sei se sei o que quero saber.
Simplesmente não sabemos o que fazer
Quando o inesperado pega um desvio.
Se choro pela vida, a morte sorri.
Se sonho com o que há de vir,
Me deparo com a realidade.
Quando faço poesias
Torno-me indigente.
Será que todas as pessoas são desta forma
Ou será que o meu céu está nublado?
Resta saber se choverá.
O horizonte ficou escuro
Mas parece engraçado.
No meio da tempestade
As gotas de chuva encobrem minhas lágrimas.
Mesmo assim vejo uma estrela.
Eu estou saindo de tua vida
Pois percebi que meu brilho não te ilumina mais.
Mas, mesmo em silêncio,
Eu invoco o calor dos corpos celestes.
Eu queria teu amor para mim,
Mas ele não é meu.
E não é justo nem comigo, nem contigo,
Agarrar-se a poréns.
Quem ama deve ser mais amigo
E de nenhum sentimento tornar-se refém.
Tu foste um acaso sensacional.
E essa fatalidade não parece um mero imprevisto.
O amor traz sinais,
Mas carrega sinas.
A felicidade é um bambúrrio
Que o protagonista aguarda
Até a cena derradeira do último capítulo.

Sol Supremo

Luiz F. Haiml
Rio do Grande do Sul

É de ti
que sorvo
o néctar harmonioso,
Hare Hare

É em ti
que busco
o suco inexaurível,
Hare Hare

É por ti
que canto
o mantra veludoso,
Hare Hare

É em ti
que sinto
o amor indescritível,
Hare Hare

e do turvoso sonho
da impermanência,
elevou-me em lótus,
ó inextinguível Consciência.
Hare Krishna.

Pequeno Lince

Carolina Rieger
Osasco/SP

Tu que olhas como Lince
E tem em mim tua morada
E ainda nem sabes meu nome

E sem sequer saber meu nome
Adormeces em meus braços
Em meu abraço, aplaca o medo

e comesas a aprender palavras
e confessar os teus segredos
sem qualquer embaraço

em tua fome, eu amamento
O meu nome já não importa
ganho outro, neste encontro

Tu chegaste como um sismo
Trasnformaste a minha vida
E eu recebo meu batismo
Sou, agora, a mamãe

Noite Mágica

Thaís Mariano
Salvador/BA

Em uma noite mágica,
Eu reuniria
Todos os meus amigos da adolescência
O eu e os eles de outrora

Não falaríamos sobre dinheiro,
Empregos ou investimentos
Seríamos só risos e amizade

Em uma noite assim mágica
Eu controlaria o tempo
E diria aos meus amigos
Que existe uma eternidade
Em cada um de nós.

Transmutação

Luana da Silva
Lajeado/RS

sou poesia do fim ao começo
dos pés à cabeça.
sou luta
pelas marcas
das histórias vividas.

sou a vontade
de desprender de mim,
com cada palavra
escrita no decorrer
de cada verso.

sou o alívio
do que escrevo,
sou o querer
de jogar a agonia
fora.

sou a transformação
de sentimento
em arte.

Mudança Mentirosa

Thatiane Fernandes
Japeri/RJ

Foi perfeito. Nos encontramos.
Vai ser perfeito!
Era mesmo perfeito?
Não era bonito. Não importava.
Era de um bom coração que eu precisava.
Rápido nos casamos.
E uma bela casa compramos
O trabalho aumentou
A cada dia mais tarde chegava
E a gente se distanciou
Eu pensava: A vida mudou
A vida muda. A vida melhora.
E ele vai mudar. Não mudou.
Todo mundo dizia: Ele vai mudar
Vai mudar. Não mudava!
Aguenta firme. Seja compreensiva
Eu fui. Eu era.
Eu ... Devia ser?
E a vida se repetia.
Foi o mesmo comigo.
Minha mãe dizia. Tia Vânia também dizia. A vizinha do andar de cima dizia.
Mas não acontecia.
Na televisão passava. Um dia ele muda, menina.
Espere mais uns dias
E a mudança não vinha.
E no rádio eu ouvia.
E melhor esperar mudar que viver sozinha.

No jantar, tentamos conversar
Comecei a perguntar. E a comida como está?
Ele responde que amanhã irá trabalhar
Mas amanhã é sábado, não é?
E às vezes aos domingos, alguns feriados
O 'nós' já não existia
Sentia sua falta. Sinto sua falta.
E ele, sentia?
Enfim, viria a aposentadoria
Eu preciso de um extra. Ele disse.
Só de segunda a sexta
Enquanto na cadeira de balanço eu descansava.
Ele de um longo dia chegava.
Não mudara. Não mudará.
Eu continuei a esperar.
Ele Não Mudou e a Vida Passou.

Bons Tempos

Roberta F. S. Gonçalves
São José dos Campos/SP

Há quem diga
Que tempos bons foram os tempos passados
Aqueles sobre os quais a poeira das eras já se sentou

Dizem eles que os casamentos duravam
Que as mulheres eram direitas
Que as crianças, a um só olhar obedeciam
Que os jovens, ante a potência dos pais, emudeciam

Suspiram eles
Por outras épocas
Referindo-se a esta época
Como a da geração que reclama demais

Meus olhos
Que costumam enxergar no escuro
Onde veem eles, casamentos duradouros
Eu vejo servidão
Sexismo
Calabouço

Na mulher direita para a qual apontam
Eu vejo mulher calada
Amordaçada
Por criação e por leis
Aprisionada

Nas crianças que ao olhar obedeciam
Enxergo os adultos fragmentados de hoje
Confusos quanto a seus sentimentos

Rígidos com seus descendentes

Implacáveis consigo mesmos

Dos jovens que emudeciam diante de seus pais

Sobraram homens e mulheres

Que por serem tão carentes de afeto

Que por terem tantas palavras

Na garganta entaladas

Sofrem de hipotireoidismo

Rangem os dentes quando as luzes se apagam

Têm excesso de passado na alma

Têm dores que a medicina não acalma

Sigo lambendo as feridas

Que essas pessoas feridas abriram

Mas acho mesmo...

Tempo bom é este em que hoje vivo!!

Mil Dias

Márcia Elise Schiffer

Atravessar mil dias sem você...
Por mil dias o futuro foi passado
O presente foi apenas silêncio
Buscando por nós dois no desabitado
Na certeza que ainda existimos
Atravessar mil dias sem você...
O milagre das lembranças foi cuidado
Preservado e amado a cada minuto
Para que riquezas de uma vida a dois
Não se extinguísse com a morte
Atravessar mil dias sem você
A solidão não destruiu a união
Apenas transformou a saudade sem fé
No desejo de que haja um depois para a vida
Mesmo negando a existência da alma
Atravessar mil dias sem você...
As lembranças que acalmam o presente
São as mesmas que sufocam a esperança
Matam os sonhos de mãos dadas
E os olhares companheiros na mesma direção
Atravessar mil dias sem você...
Reviver lembranças silenciosas é luta constante
Para não esquecer com as estações
A velhice traiçoeira apodera se de tudo
Deixando apenas uma saudade sem referência
Atravessar mil dias sem você...
Você vive em mim e eu vivo em você
Unidos pela conexão do anel de prata
Elo inabalável que resiste ao tempo
Onde riquezas materiais não contam
Atravessar mil dias sem você...
Mergulhar no doce mar das lembranças
Para contemplar minha imagem em seus olhos
E caminhar confiante em sua direção
Na certeza que os dias descansarão em paz
Atravessar mil dias sem você...

Fugitivo

Pedro Lino
São José dos Campos/SP

Meu cabelo c

a

i

E mais parece que ele só quer fugir da minha cabeça

Tudo bem, tudo bem!

Se eu pudesse, faria o mesmo

E também sairia c o r r e n d o...

Barata

Pedro Lino
São José dos Campos/SP

Entro no meu quarto
E uma barata comigo entra

Era um ser feroz, daqueles que carregam dentro de si
a alma de um dragão adormecido

Não seria uma batalha fácil,
aquela barata já havia testemunhado
catástrofes, extinções
e apocalipses
Engolido reinos inteiros,
estrangulado o kraken e afogado o Godzilla

Era minha chance de achar um lugar em Valhalla

Pensei em roubar uma de suas 7 saias de filó
Mas sua carcaça era impenetrável, um exímio
tanque de guerra nazista

Blitzkrieg! Blitzkrieg!

A barata lançou voo e agora se camufla
nas sombras do meu medo
A única opção pior do que ver a barata é perdê-la de vista
O ataque será iminente

Pensei em decapitá-la
Não! Ela ainda teria 9 dias de vida pela frente,
meu corpo nunca aguentaria tamanha luta
Eu já estava em xeque, seu jogo era infalível

E então parti à última das possibilidades,
era minha única chance de sair com vida

Abri meus pulmões e respirei uma quantidade de ar amazônica
Engoli todo o desespero
daqueles que foram mortos por essa barata

E gritei: "Kafka!"

Não quero ser poeta

Adilson Adalberto
São Paulo/SP

Não quero ser poeta
De uma poesia só
Escreverei versos diversos
Até da caneta o papel ter dó
Vou cantar como pássaros
Assobiar que nem rouxinol
Tocar no violão uma canção
Em tom sustenido ou bemol
Pintar telas em estilo aquarela
Caminhar enquanto houver sol.

A poesia de alguém

Marian Koshiba
São Paulo/SP

Cansei de ser a portadora
De um coração perdido
Ferido das batalhas
Com a esperança falha
Baqueada de desilusão.

De tantas bocas eu ouvi
Despedidas, desculpas
Seus assombrosos silêncios
Suas ausências, tantas culpas
Estacionadas no meu hangar de dor.

Cansei de ser fonte de tanta prosa
Poesia, melodia e rosa
D'um arsenal de artifícios
Toques, modos e feitiços
Num esforço infindo
De me fazer notar
Tentativa insana
De me fazer amar.

Um dia cansa ser tanta ebulição
Ser ferida exposta, alma à mostra
Vulnerável à toda brisa de verão
Deixar em cada afeto
Um pedaço profundo e sincero
Da minha grande devoção
E nesse enredo
Me vejo menos
Perco algo de mim
Em cada rosto
Por quem meu olhar se enamorou.

Afinal, quem virá
Para finalmente somar
A sua solidão à minha?
Me arrancar dos ombros esse peso
Me querer além do desejo?

Quero ser a poesia de alguém

A insônia que inquieta
Não uma paixão qualquer
Quero ser seu suspiro
Sua palpitação, seu arrepio
Seu sonho, seus planos
Para fazer parecer
Que os amores outros
Nada mais foram
Que o mais ledo engano.

Ser em tormentos

Izis Gonçalves
Caicó/RN

Talvez sejamos todos uma incoerência universal
Um erro não proposital da vida
Um peso enfadonho a suportar em nossas escápulas
Deixando-nos na insanidade colapsal deste vasto mundo

Depus a mim, a penumbra do fundo do poço
Sussurrei, gritei com voz inaudível
Alienaram-se de minha importância
Restando em meus restos,
A ruína, a corda, o pavor, o silêncio, o distante chão

Em todos os olhos moribundos
a vida extinguiu-se por completo do corpo alheio
Estagnou-se o movimento do líquido plasmático em meus nervos
Deixando consigo incógnitas de um livro aberto em meu ser

Amanhã, turvo futuro solitário.
Esvaiu-se em meus dedos de minhas mãos
Dor, desleitou minha alma, meu casulo rompido

Agora dê-lhes a voz, o palco aos outros
Infortunado desmoronado, alerta aos próximos e vivos
Dê-lhes a compaixão, e o aprendizado, as palavras, a compreensão das incoerências

Inconclusão

Ronilson Lopes
Lábrea/AM

Tuas palavras,
Queimavam-me a pele...
Adentravam minhas entranhas
Como vermes que tudo corrói.
Tua boca me mastigava,
Engolia-me, fustigava, intrigava...
Vomitava palavras miúdas,
Supostos pedaços da minha carne,
E eu acreditava nos adjetivos,
Sangrava-me as veias...
Porém, com o tempo,
Meu couro endureceu,
Minha língua cresceu dentro da boca,
E saiu pra fora,
Com tantos adjetivos, verbos, palavras, interjeição...
Rasgando a tua pele,
Espalhando-me por toda rua.

Inexplicável

Aline Neli
Ribeirão Preto/SP

Eles ficaram cravados ali, quando restou o deserto,
Mesmo com fome preferiram o abraço.
Muitos poetas escreveram poesias,
Muitos tolos tentaram eternizar - o inexplicável.
Livros foram vendidos, discursos políticos foram feitos,
Eles viraram um belo quadro!
Um quadro para provar pra cada peito e razão:
"Como é belo o amor diante da fome e da miséria".

Depois fizeram uma exposição universal - visceral.
Todos choravam diante da imagem,
Mas nada que atrapalhasse o dia seguinte.
Nada que trouxesse uma novidade transumana,
Uma metamorfose do micro para o macro.

Filósofos escreveram teses com indagações sublimes,
Psicólogos clamaram por Freud e Jung,
Os médicos e os cientistas passaram por ali para examinar os corpos.
Historiadores e geógrafos estiveram presentes no debate...
Mas sangraram internamente até a morte do vazio interno.
Grupos de teatro e cineastas com pouco alcance social fizeram peças e filmes...

Latifundiários, banqueiros e empresários privatizaram tudo.
E hoje levam os seus para enaltecerem:
"A beleza do amor e da fome".

Criou-se uma antropologia nova,
Um outro mundo de plástico,
Com novos sonhos de plástico, pessoas de plástico e projetos de plástico.
Virou contexto. Pronto.

Eles ficaram ali - inexplicáveis.

Num mundo irracional que nunca aprendeu a brincadeira do espelho.

Eles ficaram ali - mortos pela fome e inexplicáveis...

Um dia apareceu uma criança e disse com todo o seu coração:

- A fome é a tristeza que ninguém deveria deixar existir!

Brasil, meu Brasil!

Rafael Gustavo Lima de Oliveira
Itapipoca/CE

A prisão da liberdade
Nasce com essa desigualdade,
Tornando a sociedade cheia de maldade
E carregada de grande crueldade.

O tempo passou!
E o retrocesso aqui chegou.

Brasil, meu Brasil?
Agora é ordem! E progresso nada!
País que a sexualidade é diagnosticada
E a liberdade é massacrada

.

Brasil, queremos respeito
Temos um grito no peito
Que todo mal seja desfeito
E o bem seja feito.

Teu governo e tua justiça são errante
Mas, acreditamos no futuro brilhante
Brasil, vamos avante
Brasil gigante!

Esperança

Caroline Paixão
Nossa Senhora do Socorro/SE

Tenho esperança
de viver dias melhores.
Tenho esperança
que o racismo acabe
e que as pessoas sejam
mais solidárias.
Que nunca nos falte
esperança dentro dos
nossos corações,
que as crianças sejam
a esperança do nosso país.

Enigma no parecer

Felipe Almeida
Belém/PA

Em tua boca, senti a felicidade
Em teus braços, vi a delicadeza
Em teus cabelos, toquei a sutileza
Em tua pele, olhei a tranquilidade

Será que era isso mesmo
O que mostrava-se em minha frente?
É capaz de tal gente ter tais fatores
Tão expressivos e tão transbordantes?

Era natural ou artificial?
Verdadeiro ou falso?
Há possível malícia em tanta carícia?
Existe o mal dentro desse tanto de bens?

Com tanto enigma, é difícil comprovar e provar
Se há o dito, ou se há o que não foi dito
O que habita aquilo cujo está de frente a mim
Pode até ser o verdadeiro demônio e não estaria sabendo.

À espera de um milagre

Aryanne Queiroz
Mossoró/RN

Raízes da esperança se fundem em mim.
Estou à espera de um milagre.
Não desses que habitam na fé.
Não é algo religiosamente criado, planejado, revivido.
Quero algo novo.
Daqueles que não se precede.
Daqueles que dorme em um sono profundo.
Em algum lugar.
Sem pressa.
E acorda pra brilhar no Outro.
Um brilho selvagem, sem deturpar o sentido que carrega em si;
Sem ser lapidado através das palavras ou sons.
Espero um rebelde.
Os milagres que costumam acontecer são tão previsíveis, não apetezem com furor.
Desejo o incontido.
O revoltado.
O que não se cala.
Milagre, apenas.
Daqueles que nasce e jamais renasce; que não se refaz ou se transmuta.
Não quero nele a performance de uma fênix; é muito clichê.
Quero algo que ainda não tem nome, mas que somente eu possa nomear, na hora que ele surgir.
Quero uma arte sem verbo para tatuar em meu peito aberto.
É por ele que eu clamo, sem ao menos saber se há de existir...

Chama Viva

Felipe Lima Cavalcante
Manaus/AM

Estou pegando fogo
Me viro para dentro e para fora
Eu sinto a sua língua correr pelo meu corpo
Uma língua, sim, língua de fogo

Volteia, cliva e consome
Mas é boa
Me transforma em algo novo,
Fogo fugaz, vermelho-tigrado
Com asas de chamas
Ou asas em chamas
Insaciável como o sol
Chama viva

Uma ave de fogo tentando alcançar o Sol
Mas então
tua língua cessa
tua mão se afasta
teu ser se oculta de mim para não mais voltar
E me vejo caindo, caindo, caindo
Não sou de vela e cera
Não sou de penas coladas
Mas me desfaço ao atingir o mar
Sou puxado para um oceano de espuma e arrependimentos
A água me invade, me preenche, entra em meus pulmões
Cancela minha chama
Apaga meu coração
Me arrasta o fundo com as sereias e navios naufragados
E empurra para fora a minha fraca chama viva.

O astro incomensurável

Anderson Honorato
Itaitinga/CE

Não há quem não se curve diante do astro incomensurável.

Seu brilho é inóspito aos olhos

E o furor de seu calor, um convite à tortura e ao delírio escaldante.

O loiro rebelde dos céus é calmo e delicado e seu calor aconchegante.

E esse mesmo é impiedoso e cruel.

Iluminam Gregos e Troianos.

Ricos e miseráveis, borboletas e víboras.

Em alguns lugares clamam por ele e em outros nem tanto.

Mas seja como for, ele sempre será rei.

Transmigrando

Francisco B. Assumpção Jr.
São Paulo/SP

Há muito tempo atrás,
Num vaso canopiano
Guardei teu coração,
Encerrado no meu peito.
Somente por mero despeito
Eu morri pouco depois.

Alguns séculos passados
Eu te vi sacrificada
Na floresta, entre os carvalhos.
E de novo, como efeito,
Solitários entre os galhos,
Morremos juntos os dois.

Outro tanto se passou
E, já mais civilizado,
Bati-me pelos teus olhos.
Mas só por falta de jeito
Estocaram-me no peito
E eu morri um pouco após.

Hoje te encontro de novo
A correr em meio ao povo,
Com o vento nos cabelos
E um sorriso no teu rosto
Que parece ter esquecido
Do desgosto já vivido
Pelas vidas que existimos,
E que apontam sorridentes.

À espera do nada

Neila Reis
Feira de Santana/BA

Às vezes é tão difícil esperar pelo Nada,
O ocaso do medo pela mente vaga.
A cama está vazia de momentos,
A saudade ganha espaço no sentimento.

A solidão pinta na parede diversas teorias,
O abraço se perde em dolorosa agonia.
As mãos que estavam enlaçadas na estrada
Se perderam nos desvios tortuosos da jornada.

O telefone descarrega no apelo da hora,
O medo ganha espaço de dentro para fora.
O calor de teu corpo me acalma e aquece,
O mundo ganha cor quando teu cheiro aparece.

Queria te ter sempre perto de mim
Cravo formoso da rosa de meu jardim.
Meu amor, teu amor vou sempre esperar,
Distância nenhuma vai este amor, superar.

Ninho

Thaís Costa
Miraíma/CE

1

Passarinho
Quando aprende a bater asas
No ar quer estar
Passarinho quando canta
Quer cantar até no luar

Quis ver o horizonte, o passarinho
Ver mais do mundinho
Mal sabia o passarinho
Que tudo que precisava era de um
ninho

Sorria sempre sozinho
E era feliz até assim, o passarinho
Trilhava longos caminhos
Descobria novas coisas, passarinho.

Sempre como brisa
Eles passavam,
Eles passaram
Mas ela, passarinho

De repente no caminho
Ternura ela viu de mansinho
Ela se achegou no quietinho
Se encontrou naquele passarinho



Dos encontros que se seguiram
Cada dia era infinito para o
passarinho
E de todas as linhas já traçadas
Naquela queriam ficar
entrançadinhos

Se aconchegou com carinho
Cruzou-se nos biquinhos
Seu calor, novo caminho
Eram um só, aqueles passarinhos

Em seu peito um cantinho
No envergonhado passarinho
E ela disse: eles passarão
Mas ele, meu passarinho.

¹ Ilustração de Sophya da Costa Pinheiro para o Livro *A Mística dos Encantados*.

Distante

Israel d'Luca
São Miguel dos Campos/AL

Olhares dissonantes entre olhares distantes,
constantes,
semelhantes ao sentimento que não se define
e a lágrima que se exhibe
mas não quer se expor.

lugares distraídos em seu silêncio cálido,
guardado,
serrado pela fúria do vento que se aproxima
e a luz do sol, raríssima
nos dias de se opor.

hoje, o vento está lendo o meu rosto parado no ar

mas, as cabeças pensantes, nas ruas sonantes,
gritantes,
despidas da ignorância cruel que reprime,
à beleza da lua, extingue
o que for dissabor.

Pandemia ou Genocídio?

Preta

Os pobres pairam como nuvem negra
Sobre o modelo econômico predatório
Sob um governo caga-regra
Acusado de finório

Em meio à falácia de uma solidariedade
Classe, gênero, cor, raça, etnia.
Tão humana e rasteira a sociedade
Toque de recolher urgia

(Qual o espaço delas?
Quais serão curados ou que perecerão?)

Uma nação necropolítica
Lavando a alma por não ser radical
Classe alta axiológica

Numa nação laical
Acima das armas romperão!

Elaene Suzete de Oliveira Pereira
Pedro Leopoldo/MG

Nem sequer a despedida foi possível a esse amor

Adílio Marques
Manaus/AM

A alma desperta indolor
Da vida que foi
E lhe tirou o amor
Na história contada
De um velho senhor

Que morreu à espera
De um leito e de oxigênio
Sonhando com a sua amada dama
Triste em uma cama
A chorar sua partida

Nem sequer a despedida
Foi possível a esse amor

Pois a doença que é insistente
O pegou sobremaneira
E tirou sua vida inteira
Que com sua esposa vivera
Que ao olhar o seu semblante
Sentiu naquele instante
Que não mais o veria

A vacina não havia chegado
Por isso sua vida foi tirada
Os seus entes, agora vacinados
Choram tristes pela falta ação
Do governo, que deveria ter agido
E evitado que tantas vidas
Por este vírus fossem ceifadas

Deixando um vazio imenso
De tristeza e de dor

Nem sequer a despedida
Foi possível a esse amor

A senhora hoje chora
Mas sorri só de lembrar
Das aventuras que viveram
E das noites de luar

Com a foto do homem que tanto amou
Olha para seus filhos
E os netos que deixou
Que cuidam da sua memória
E de tudo o que realizou

A narrativa desse romance
É marcada pela saudade
Que remete à vontade
De viver mais uma vez

Uma vida que outrora
Tanta história aqui se fez
Das memórias transeuntes
Que sequer remetem dor

Mas que jura à alma esperta
Que será sempre o seu amor.

Sem direção

Ruana Pantoja de Holanda
Santana/AP

Caminho pelas profundezas dos meus pensamentos
Sem saber por um momento o porquê de algo não estar certo
Olho para o futuro e vejo um caminho incerto
Com os pensamentos já calejados procuro o momento certo

O momento em quem me encontro comigo mesma
Talvez pareça apenas uma besteira
Mas muito tempo me resta para pensar
Talvez seja essa a única barreira

Preciso me encontrar no lugar em que me perdi
Me sinto sozinha e ainda não me decidi
A que caminho devo seguir

Que seja assim

Marcelo Camelo
Fortaleza/CE

cada um na sua bolha, no seu metro quadrado
no seu mundinho, com seus fones ou teclados
estáticos, atônitos, na certa mascarados,
perdidos, atordoados, decerto concentrados

descrentes, inconscientes, inconsequentes
insanos, corajosos, tiranos, mascarados
famílias, solteiros, enamorados, viúvas,
desolados, arrasados, órfãos, enlutados

juntos mas separados, um perto longe
de mãos lavadas ou até besuntadas
cada um na sua, em cada canto com um
centrados, esperançosos, felizes por ser um

vitoriosos, de olhos marejados, solidários
atentos, de olhares cuidadosos, generosos
fraternos, amorosos e certeza mais humanos,
seremos todas, desejamos todos, que seja assim.

Livro-me

Geraldo Ramiere
Planaltina/DF

Não escrevo poesia
A poesia é quem em mim se escreve
Às vezes em bela caligrafia
Noutras, garranchos indecifráveis
De dentro pra fora sou manuscrito
Nas minhas páginas-pele
Em versos surgindo feito feridas
Com a pena viciada pelo tinteiro
Que meu sangue abastece
E dessa metaforma rascunhada
Amiúde desfolham poemas
Que recolho, e quando quero
Penduro no meu varal de vaidades
Mas eu, este ser-livro
Maior que a vontade
De por outros ser lido
Ando aprendendo, primeiramente
A me ler, relendo-me se preciso
Letra a letra, linha por linha
Livrando-me pouco a pouco
Das palavras mais pesadas
Até poder, quem sabe
Ser leve o bastante
Para conseguir voar
Com o simples levantar
Das minhas capas-braços
Tornando-me assim, além de livro
Um ser livre, literalmente.

Meu Olhar

Gê de Castro
Cunha/SP

À deriva do seu olhar

Meu olhar de naufrago navega.

E um oceano a desaguar na retina do olhar.

Barquinho ao vento

Agnes Izumi
Londrina/PR

O barquinho solitário,
da orla da praia se despediu.
Seu destino levado ao vento,
pelo oceano navegou.
Perdido nas marés revoltas,
sem farol, sem porto, sem um cais.
A brisa marítima abrandou a turbulência,
o caos se desfez e das profundezas ressurgiu
uma nova rota e direção.
O mar acalmou, a âncora aportou.
Na expedição pelos mares
da ilha deserta se aproximou, sem naufrágio.
Nos grãos de areia, ao sol, sozinho permaneceu.
Passos próximos, em seu resgate.
Unidos em seu destino, navegam
o pescador e o barquinho,
e a lua feito farol a guiar.

Acerto de contas – Um soneto para todos, ou talvez, para ninguém

Octávio Henrique Chames dos Santos
São José do Rio Preto/SP

Ainda muito apartado da coruja de Minerva,
(D)escreve o poeta, em versos afobados,
Memórias amargas de seus dias mais gélidos,
Recordações quase funestas daqueles tempos fúnebres.

Acossado, então, por suas lembranças menos célebres,
Amedrontado por pensamentos esquálidos,
Busca, com seus versos assaz congestionados,
Ocultar com artifícios pecados ainda em conserva.

Não percebe, entretanto, das verdades a mais fatal:
Quem se deixa aprisionar nas grades do medo
E não se permite fugir da tacanhez

Será, para sempre, refém da mesquinhez.
Cumpre, pois, perguntar-se: vale seu segredo
Esse cárcere profundamente prejudicial?

Voz interna

Sara Jorge da Silva Vidal
Coimbra/Portugal

Todos dizem isso, ouve a tua voz interna.
Nem sempre a oiço.
Nem sempre a encontro.
Nem sei se ela existe sequer.
Só sinto uma picada aguda de vez em quando.
Como um ligeiro aviso.
Misterioso.
É difícil interpretar o silêncio.
Dói-me cada parte do corpo,
Queria chorar até me transformar no Pacífico.
Perco-me nas palavras cruéis da minha mente,
Engano-me com falsas promessas, através de novas sensações.
Novos sentidos, saberes e desejos.
A libido faz-me perder o caminho,
Da razão, e não falo nem da Razão de descartes,
Falo da racionalidade de mim.
Porque não a sigo?
Porque o desejo é mais apetecível,
Torno-me o meu eu nas experimentações.
não sou para nada rígida, nem categórica, nem binária,
sou um completo ser híbrido,
É fácil seguir ser-sendo,
não é fácil não-ser
Tão enraizada na própria história,
A perdição é sempre certa.
Mas, nos encontros e desencontros nas várias estações do Tempo
Morro, e renasço a cada lua nova.
Dói não ser nada e ser tudo, ao mesmo tempo.
Eis, a minha escuta.

Não fingimento

Sara Jorge da Silva Vidal
Coimbra/Portugal

Eu não sei fingir, não serei eu poeta?
Eu não consigo fingir a dor que não sinto,
Eu não consigo fingir o que não sinto.
Deveras, sei sentir, sei sentir sentindo,
Não sei ser poeta-fingidor.
Mas sei, ser poeta-vivente.
Sei no instante que sinto o que sinto: sou poeta.
Mas prefiro não ser poeta-fingidor.
Por apreço ao sentimento.

Carta à minha filha

Edilson Barros
Rio de Janeiro/RJ

Quando eu morrer, minha filha,
Não me vista com nova roupa,
Deixe-me chegar em outra paragem
Roto, esfarrapado, mostrando,
A triste realidade deste mundo.

Quando eu morrer, minha filha,
E ver meu corpo sendo carregado,
Não chore pela minha partida,
Pois eu não sumirei da vida,
Apenas chegarei do outro lado.

Quando eu morrer, minha filha,
Pode até parecer o fim para você,
Mas na realidade é um amanhecer,
Pois quando o túmulo se acoberta,
É quando sua alma se liberta.

Quando eu morrer minha filha,
Saiba que encerrei minha prova,
Do curso espiritual que se completa,
Que deve constituir a nossa meta,
Assim a vida, após outra, se renova.

Quando eu morrer, minha filha,
Saiba que não finaliza nossa trajetória,
O que da terra emerge, à terra é
destinado;
O que vem de cima, retorna à sua
glória.

E assim Deus tem a justiça do seu lado.

Quando eu morrer, minha filha,
Saiba que transporei o pórtico sagrado,
A morte, apesar de parecer
contraditória,
É também vislumbrar o marco da
vitória,
Em outra vida continuar o sonho
inacabado!

Quando eu morrer, minha filha,
Se na etapa letiva o aluno reprova,
Ocasão terá de retomar a reta,
E prosseguir em revisão concreta,
Com o poeta que burila sua trova.

Quando eu morrer, minha filha,
Não guarde meus objetos, coisas
materiais,
Mas guarde consigo meus versos
imortais,
Porque neles está minha alma,
sensibilidade,
Meu ideal, minha vida, minha verdade.

Mudanças

Alice Souza
Fortaleza/CE

Não consigo explicar

Essa necessidade que chega a doer, um precisar tão grande

Uma vontade demasiada

É uma aflição de tamanha proporção

Difícil até escrever, quanto mais dizer.

Às vezes acho que deve ser louca por me sentir assim

É, devo ser.

Como pode eu me importar tanto com isso

O tempo fica passando e eu me apego ao passado

Mas me falta uma palavra

Um beijo, um abraço

Coisa simples, mas que é quase um estado de fuga

Nem é você sabe, eu não sei

Pode ser loucura da minha cabeça

Ou talvez eu tenha esquecido de como era

Minha mente apagou cada resquício daqueles anos

E hoje eu comecei de novo, então tudo é novo

Eu não sei se estou certa

Mas sinto que não estou errada

Você diz estar aprendendo

Ora mais, eu também

A diferença é mais próxima que na distância

Alguns quilômetros eram a fuga da lembrança



Espero não escrever mais sobre isso

Espero que mude

Porque eu realmente não sei se quero isso

Não é do meu feitio.

Travesseiro

Patricia de Campos Occhiucci
Mogi Guaçu/SP

Aperto o pano num abraço nostálgico
Como se fosse você em meus braços
E o algodão se espreme entremeios
Não sente o calor, enxuga o molhado
Na cama encontro o vazio da saudade.

Não sente amor, nem é interesseiro
Apenas está no espaço desocupado
O escuro da noite desperta ansiedade
Difícil acostumar com a solidão aqui
Minha companhia é esse travesseiro.

Fomos vítimas da alheia maldade
A separação não foi nossa escolha
Se fosse pra te ver, gostaria de partir
Mas, fique tranquilo, sem barbaridade
Naturalmente, como folha seca a cair.

Um dia, poderei te beijar como antes
Talvez, o que dizem seja a verdade
Enquanto isso, me conformo em sentir
A tristeza enorme gerada na despedida
Que de certo modo, ainda cuida de mim.

Pouso

Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo/RJ

Eles sempre estiveram ali...
Todos que eu amava...
Indivíduos coloridos que me cercavam
Na certeza de que estava tudo bem!

Não se tratava de companhia
Nada se curava ao sorrir
Era algo introspectivo...
Talvez... um pouco arredo demais.

Acusações das gotas teimosas
Que insistiam cair no vazio
Que persistiam no lançamento à face
Sobre razões encobertas.

Corpos e presenças podiam até florir no meu jardim
Podiam causar sensações de “um estar ao lado”
Mas, o sol que alimenta e faz desabrochar
Ainda não me descobriu sob as sombras.

São insistências em falsas expressões
Onde o engavetar emoções
É como arrumar a cama...
Pra pousar em novos sonhos!

Tempestade em barco de papel

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Buscava o melhor de tudo
via o lado bom das coisas
pairava sobre o horizonte
à procura de verdes mares
à procura de novos lugares
a contemplar magnitude esparsa
a viver em harmonia
num profundo divagar de sonhos
extenso num mar em fúria
na tempestade presente em angústia
ela estava lá
envolta em grandes mares
perversa em seus lugares
a bramar com altos sons
a lutar em diversos tons
a buscar felicidade enfim
num barco
de papel
azul da cor do céu.

Sem pressa

Ketlyn Santos
Aracaju/SE

A pressa já me impediu de ver muitas coisas com clareza.
Já me roubou momentos
atropelou sentimentos
inquieta o coração por várias vezes.
Por pressa fiz muita bobeira.
Agora eu aprendi
agora eu quero calma
quero alma,
porque devagar,
é possível notar
apreciar
acalantar,
é possível viver melhor.
Agora,
respeito tempos
vivo momentos,
nada de se apressar,
porque no momento certo,
coisas belas vão chegar e se encaixar no seu devido lugar.

Não me chame de

Leticia Misna
Manaus/AM

Poetisa
Palavra feia
Varridas em um monte
No canto da parede
Poetisa
Pra não misturar
Separar
Não são dignas
De carregar
A coroa de poeta
Poetisa
Parece um escarro
Escarro
Palavra feia

Como a poesia

Luiz Miguel
Manaus/AM

Eu gostaria de viver como uma poesia

Deixar meus poemas e palavras falarem por mim

Talvez minha vida possa ser uma obra de arte abstrata

Não a mais bela, porém a mais indicada para as loucuras de um poeta

Talvez eu consiga enterrar minhas memórias, ser finalmente livre

Deixar os amores, corações partidos e dores para trás

Poder sorrir sem culpa, me sentir em paz

Espero que o universo tenha pena deste tolo

Caindo em desespero, querendo ser amado de novo

Espero que eu me perdoe por destruir metade de mim

Eu pensei que você seria meu se fizesse o que fiz

Espero que a vida seja gentil novamente, preciso torná-la em poesia.

Apaixonado por ti

Jackson Santos Santana
Salvador/BA

Suas mãos/Nossas mãos

Quero ter a delicadeza de segurar a sua mão

Não apenas no ato de exibicionismo

Mas em todos os momentos da vida

Quero eu abraçar-te não só na sensação do momento

Mas sim na intensidade da vida

Que a nossa conquista transcenda os laços de amizade

Que não fique apenas em palavras, mas em atitudes

Transcorrendo a cada momentos juntos

Sejam quais forem.

Inquerir e Inquirir

Lolla K. Bedrines
Belo Horizonte/MG

Parece-me que ao ato de encontrar nesta sala,
a ele não se atribui valor algum
Conhecer pressupõe perguntar
Há um script, é possível inquietar?
A verdade pode insurgir diante de ouvidos moucos
O que o Outro quer?
Quais reações esperar?
O nó afrouxa...
Conversar, tido por vezes como atividade dos ociosos,
não está em sintonia com o objetivo do lugar
Há um script !
Argumentar, irrelevante em nosso mundo de informações rápidas,
regido pelos likes.matches oie
Suspeito que a sala esteja cheia
Pessoas vazias que primam pela repetição
Sexismo...
Subalternidade
Elas em relação a eles; subjaz
Quais experiências vivenciar?
O nó aperta ...
Será que vai gostar de mim?
Encontrar não está em conformidade ao que já é
Move-se em direção ao não sabido,
Pulsa entre encontros e desencontros
Ponto de partida para chegar ou não, a algum lugar
Um dia pára ...amanhã
Acordar e querer mais,
quase que por instinto
Ademais, o amanhã é novo
A vida correu numa repetição infinita de horas sem graça,
estava inerte, sem forças para mudar

Um turbilhão de sentimentos
desânimo, expectativa, euforia, esperança ...
Agora fazem parte das indagações
Promessas e mensagens enviadas e recebidas
Todas denunciam desejos
Afinal, você quer mesmo ser feliz?

Riozinho

Mailson Soares

Belém/PA

Um riozinho estreito e torpe escorre por entre os meus pés, vem das casas, das torneiras, dos quintais, brinca matreiro e infante com os ladrilhos da calçada, corre entre as pedras da ladeira, brilhante e alegre e fininho, compartilha a paisagem com os casarões e o palacete. Nasce lá em cima na cidade... Compartilha do meu divino, seu murmúrio de menino nem é percebido pelo carro que passa. Ah, riozinho se contasses o meu segredo e pudesses dá vazão aos meus sonhos serias um oceano, uma tempestade, o Cabo da Boa Esperança... Estaria, então, completa a minha travessia...



Vida de Caminhante

Quando eu andava no meio do mundo
Achava ruim que o sol não dava descanso.
Pedia a Deus que uma árvore aparecesse
E eu pudesse me abrigar com minhas filhinhas.

A vida de uma caminhante é tecida com sol
E fome.
Eu chorava pelo caminho.
Sentia vontade de desmornar quando olhava a carinha das minhas filhas,
Afligidas pelo calor, machucadas pela falta de um teto.
O mundo arrastava a gente estrada a fora.
Ninguém pode escapar do destino prometido pelos Encantados.

Então minha vida era arrumar os panos
E partir quando o dia se preparava para nascer.
Eu tinha esperança de criar raízes nos lugares que passava.
Mas meu destino era abrir passagens...
E seguir.
E eu segui.
Até que todos os caminhos me trouxeram para o Alto Alegre,
E eu morei no coração da Lavagem.
É aqui que termino meus dias.

Maria Toinha



Não é amor

Lucilane Barbosa

Canaan/CE

Não é amor

se for como em Estocolmo, se não for entrega sem premissas de reciprocidade, outrora, acontece na falta de percepção e quando se vê já se está cativado, é de verdade se não for pressionado.

Não é amor

se surgir quando estiveras na nudez de sentimentos por insuficiências de outros amores não correspondidos, o amor não foi feito para juntar pedaços, mas para ser o todo de um começo sem imaginar um fim.

Não é amor

se precisar ser com urgência, a voracidade impede a vivência do sentir, cada etapa deve ser sem pressa, como se fosse à única.

Não é amor

se não “consegurem” na terceira pessoa do plural, perceberem as inópias que corroem o relacionamento para serem elucidadas juntas.

É amor

quando há reciprocidade sem necessidade de troca de valores. O amor só pode ser respondido com o seu verbo no infinitivo, amar. Não precisa assim, decorar um conjunto de paradigmas, mas sentir a necessidade do outro e intervir nesta, deixando-se sentir no processo.



Contos para sonhar



Balançando na Chuva

Ailton Siqueira
Mossoró/RN

Ela amanheceu com o dia na calçada de sua casa. Como sempre fazia. Há anos. Nesse dia amanhecido, a rua estava vazia de gente. Havia somente o movimento das folhas secas da noite passada.

Certa vez, alguém que passava perguntou:

– Por que a senhora amanhece todos os dias em pé na calçada, olhando a rua?

– Não estou olhando a rua. Estou esperando as coisas clarearem - disse ela, calmamente.

– Gosto de ver as coisas amanhecendo - acrescentou.

Hoje, mais uma vez, eu amanheci cedo. Queria ver o que aquela senhora via. Abri minha janela que fica aqui no alto de uma casa. E lá estava ela, na calçada, em pé, como sempre.

No silêncio de uma rua sem movimento e com muitas nuvens por cima, ela estava atenta, tranquila, vendo as folhas serem levadas pelo vento frio de um dia recém-nascido, sem sol.

Para ela, parece que hoje as coisas já estavam clareadas. Ela estava com um ar de graça, diferente, nesta manhã.

Pensei: depois de tantos anos envelhecidos nela, ela ainda continua olhando as folhas secas serem levadas pelo vento. Como quem soubesse que a vida passa e, mesmo assim, ela insistisse em continuar ali, na calçada, vendo os dias clarearem seus olhos. Talvez para ela, aquilo que o vento não leva seja mais importante do que aquilo que passa voando à sua frente.

Como quem escutasse o silêncio do meu pensamento, ela sorriu sozinha. Andou de uma ponta a outra da calçada. Olhou para cima. E voltou a ficar quieta, olhou para a rua. Em seguida, começou a chover, fino, mas cada vez mais forte.

Pensei: hoje ela não vai ver as coisas passarem tão cedo. Agora, ela vai entrar para não se molhar.

E ela entrou em sua casa. Mas saiu novamente. Saiu puxando uma cadeira de balanço, colocou-a na calçada, sentou-se ali mesmo, na chuva. Por um instante, fechou seus olhos para ouvir a chuva correr na rua e senti-la escorrer em seu corpo. Reabriu seus olhos. Deixou-os bem abertos, não para a rua, mas para cima, para o céu. Como se quisesse que a chuva entrasse pelos seus olhos. O vento soprava e a chuva caía cada vez

mais tranquila, mais forte. Mas ela continuou lá, na sua cadeira, se balançando na chuva, por muito tempo.

Enfim, a chuva passou, mas ela permaneceu lá, sentindo um pouco mais daquilo que não veio para ficar.

Final de semana em família

Everton Gaide

Campo Bom/RS

Final de semana uma família se reúne em uma casa de campo, local amplo e contato com a natureza. Esse local pertence à família há mais de 40 anos e foi adquirido pelo patriarca da família, o Sr. José, hoje com 80 anos, casado com Maria, 78 anos, há 56 anos. Seu José e dona Maria ainda tem muito vigor físico e moram nesta casa. Estão felizes por reunirem a família inteira, algo que não acontecia há quase uma década, para o final de semana. O casal tem 2 filhos (55 e 40 anos), empresários e a uma filha caçula de 25 anos que está realizando a segunda pós-graduação, mas ainda não está segura de qual ramo deseja atuar, além dos 4 netos (um casal de adolescentes) e dois meninos de 8 anos.

No sábado pela manhã, seu José se levantou cedo e ao lado de dona Maria preparou uma mesa farta para o café da manhã, às 7h 30 minutos a mesa já estava pronta para a primeira “reunião familiar”, mas, pouco antes da 8h, apenas os filhos mais velhos e suas esposas estavam à mesa para refeição. Conversaram sobre os acontecimentos familiares, os filhos se mostraram preocupados com os pais continuarem sozinhos em um local afastada da cidade e sobre algumas lembranças de passagens engraçadas. O desjejum foi agradável, mas José e Maria não conseguiram disfarçar a decepção em não ver os demais presentes junto à mesa. Inclusive um dos filhos contemporizou ao pedir que o pai não se preocupe, justificando que as novas gerações dormem tarde e acordam tarde mesmo. Além disso, a esposa do filho mais velho precisou abandonar a refeição no meio em função de um compromisso inadiável no seu trabalho, já o filho do meio, passou boa parte do tempo respondendo mensagens no celular e em determinados momentos não acompanhava a conversa que estava acontecendo.

Horas mais tarde, os netos adolescentes desceram, com os Smartphone em mãos, com a cabeça cabisbaixa, nem cumprimentaram os presentes na sala e foram até a cozinha. Lá fizeram um sanduíche e retornaram para o quarto, com esta movimentação as crianças acordaram e foram até os pais e avós para abraçá-los, em seguida foram fazer sua refeição. Por último desceu a filha caçula, cumprimentou a todos, foi até a cozinha, fez sua refeição e voltou para sala, ligou a televisão e colocou em uma série americana de muito sucesso sobre mortos vivos ou vivos mortos e abriu um refrigerante.

Após o almoço, seu José havia programado que todos iriam para o pátio aproveitar o belo dia de sol, os netos brincariam na piscina e os adultos poderiam

conversar, jogar cartas, comer petiscos e beber alguma coisa. José já havia se organizado para aproveitarem o máximo que o final de semana poderia oferecer. Esperava muito por essa oportunidade. Com essa expectativa, organizou o que poderia e começou a chamar o pessoal. Foi até o quarto dos netos e disse:

— Vamos filhos, hora de ir para piscina! Vamos lá!

Os meninos de 8 anos estavam jogando vídeo game e nem ouviram o que o avô falou, continuarem seu jogo. O neto adolescente estava em uma conversa por vídeo com uma amiga Holandesa e gesticulou um sinal de positivo com a mão. A outra neta estava gravando um vídeo para o seu canal no qual falava sobre o tédio de ficar um final de semana longe da cidade, pediu para o avô dar um “tchauzinho” para câmera e seguiu a sua gravação como se nada tivesse acontecido.

Foi até a sala e convidou a filha para irem até lá fora e a filha respondeu que iria assistir aquele episódio e já os encontrava. Finalmente, chegou na varanda onde encontrou seu filho mais velho com a agenda na mão organizando suas ações da semana seguinte na empresa e nem o convidou, apenas perguntou onde estava o outro filho. Ouviu que este precisou ir até a cidade para resolver uma emergência na empresa, mas que no início da noite estaria de volta.

Chateado, foi até o pátio fazer o que sempre fazia aos finais de semana, sentou-se ao lado da esposa Maria e começaram jogar cartas e falar sobre a família que estava distante.

Sessão entre dois ou confissão de um apenas

Alessandra Cotting
Maceió/AL

– Eu confesso, confesso tudo...

Audiência começada. Em volta, caras afetadas e narizes ora arrebitados, ora fugindo do eixo. Todos os presentes repassando mentalmente seus objetivos: advogados lutando juntos por seus honorários gordos, escondendo sob a camaradagem aparente a avareza por outra vitória. Jean esperava desfazer-se do casamento sem nenhum prejuízo impactante, enquanto eu queria apenas me livrar o quanto antes daquela situação constrangedora que me colocou em uma cruz longe de qualquer absolvição.

– “Já posso falar”? Eu confesso, doutor!”

Meu advogado ergueu a mão num gesto brusco na tentativa de me conter, havíamos repassado dezenas de vezes o que eu deveria dizer em minha defesa. No entanto, ao entrar naquela sala, todos me apontando dedos fantasmas, me senti acuada, do mesmo jeito de quando O Jean chegava bêbado e proferia aquelas palavras pontiagudas que ficavam sem revide ou quando eu abria as pernas, seca, sempre que ele queria aliviar-se e isso era só o que importava. Foi então que aprendi a contar as fileiras de telhas vermelhas, deglutir a sensação que passou a ser minha, um desejo de que tudo acabe logo, só isso.

– “Eu confesso! Eu traí mesmo ele, tive um caso.”

A minha frente, Jean ostentava olhos odiosos e isso parecia uma mudança. Nada de indiferença, nada de me sentir invisível. Ele olhava pra mim e sentia alguma coisa, ainda que fosse raiva e nojo. Lembrei da primeira vez que o vi erguer a mão e traçar um percurso imaginário até meu rosto. O gesto de carinho que nunca vinha. Desilusão, eis a palavra que permeou onze anos do casamento que se esvaia.

A nova sensação me tirou do prumo.

– “Não estão me ouvindo? Eu confesso, a culpa foi toda minha.”

Não tinha certeza se eles me ouviam. Via os lábios acusatórios se mexerem sem entender o que diziam, havia ido para um lugar bem mais longe que o telhado desgastado. No meio de tudo minha voz muda gritando incessante:

– Eu confesso o que quiserem, eu confesso, confesso...

Só percebi o final da sessão quando senti o pulso forte do Dr. Augusto me puxar pra fora. O rosto do meu defensor estampando meu próprio sentimento: derrota e cansaço. Enfim, estava tudo acabado.

O amor nasceu em meio à dor

Luana Lopes
Tururu/CE

Conhecemo-nos no toque frio do click do celular, mas você sempre esteve lá para mim, pros meus anseios e destemperos. Você sempre esteve aí com suas palavras, com sua ternura que aplacava minhas lágrimas e despertava risos espontâneos que para muitos não tinha sentido. Mas, para mim era a cura de uma alma confusa.

Às vezes me perco nessa confusão de sentimentos intempestivos que você trouxe ao meu coração. Eu sinto desejo, eu quero teu corpo loucamente no meu. Mas também sinto coisas que eu preferiria não sentir aqui dentro de mim.

Que mundo louco! Não posso abraçar-te, mas sinto tua intensidade viva em mim, não posso te tocar, mas teu calor me pertence como um fogo que aquece ferozmente essa alma confusa, fria que decidiu não amar, mas até você chegar.

Quanta confusão você trouxe junto com esse sorriso genuinamente bobo. Quanta indecisão trouxe ao meu coração. Mas, você também trouxe alento, paz e calma em meio a essa pandemia.

Oh meu menino!

Tu foste minha cura em meio a tanta loucura desse mundo maluco, onde o normal seria não amar, não sorrir. Que normalmente era simplesmente desistir, mas teu afeto e carinho me transformou em alguém melhor, que hoje eu sou.

Tu és a alegria desses dias nublados, tristes de tanta dor, de tanto caos.

Enquanto o mundo todo chorou, sua paz me contagiou, trouxeste nestes olhos negros esperanças em meio a essa tormenta que eu mesma me coloquei. Assistindo diariamente mortes e desesperos em me via em terríveis pesadelos. E aí você veio e trouxe luz a toda essa escuridão, foi poesia enquanto eu dormia e sonhava com melodias que brotavam da sua fala, da sua alma.

Não sei o que será!

Não sei o que falar!

Nem sei o que vai ser desse mundo louco!

Mas uma coisa eu posso dizer: eu vou até o fim com você!

Só te peço que não corte minhas asas, me deixe voar sem direção, sem rumo.

Deixe-me demonstrar tudo aquilo que escrevo nestas linhas imperfeitas, que me fazem despertar a fênix adormecida em mim, não ceife a vida que existir nas linhas

desconexas dos meus versos mudos, porém que falam tanto ao mundo.

Não deixe que toda essa escuridão que vivemos pare essa canção que você fez aqui, ali, na minha alma sem razão que só sabe gritar que te ama! Que te quer em todos os momentos e desatinos, em todos os caminhos e destinos que clama que sempre seja: Você meu menino!

O preço da virtude

Diego Ribeiro
Fortaleza/CE

Eu entendi que meu trabalho era reconhecido, também sabia que todos me admiravam e me respeitavam, por isso aguardei com ansiedade o momento da minha promoção. O serviço não era chato, pelo menos não para mim, mas a expectativa de crescer dentro do departamento sempre guiava meu ânimo e força.

Certo dia, convocaram uma reunião geral, parecia ser algo importante e eu esperava que fosse o anúncio das promoções. Todos aguardaram no local, um tanto quanto estreito, abafado, com várias imagens da nação e de seus heróis, retratados de forma magnânima.

Mas no centro de todos os espectros estava a sombra imperial do Grande Líder, cujo sacrifício, dedicação e dignidade elevaram e ainda transformam nosso país para o futuro prometido. Os funcionários do alto escalão vieram e todos nós prestamos reverência a eles e nos sentamos.

Os avisos destacavam, como sempre de forma vaga, o progresso do departamento e o sucesso que conseguimos ao longo do semestre. A produtividade do núcleo era algo surpreendente, por isso fomos muito elogiados. No entanto, dentre todos os valorosos trabalhadores, haviam três que se destacavam mais do que os outros. Como uma forma de recompensar seu esforço, eles seriam promovidos para o segundo nível.

Eu ouvi isso com entusiasmo e alegria, pois o momento do meu progresso finalmente devia ter chegado. O primeiro promovido foi Daniel Alcântara, a segunda foi Isabel Cortes e, para a minha alegria, o terceiro fui eu. Todos aplaudiram com fervor os novos integrantes do segundo círculo.

No dia seguinte, fomos transferidos para o andar superior do departamento. Antes, era necessária uma breve entrevista para que os nossos novos superiores nos conhecessem melhor. Sentamo-nos perto da sala, todos em silêncio, aguardando o chamado.

Daniel partiu primeiro, e fiquei calado com Isabel até que ela foi chamada também. Achei estranho o fato do primeiro não ter voltado, assim estranhei a seguinte demora na entrevista de Isabel. O ambiente lá estava mais abafado do que nunca, não somente fiquei suado naquele ínterim, como senti o extremo desconforto da boca seca.

Chegou um momento em que eu precisei sair e procurar algum bebedouro.

Entrei nos corredores e não encontrei nada. A sede aumentava mais e me vi forçado a bater em várias portas, mas ninguém me respondia. Estava ficando mais quente e insuportável ficar ali. Já angustiado, sem pensar muito, eu bati mais forte nas portas e busquei abrir elas. Não adiantou.

Saí por outros corredores, buscando alguma saída, enquanto o extremo calor me forçava a tirar minha blusa. Em um momento escutei o barulho de uma porta abrindo e, desesperado, corri para o lugar. Se eu virasse aquele corredor, chegaria na pessoa e conseguiria ajuda. Mas um som me fez parar.

Era um gemido de agonia, misturado com lágrimas descontroladas, tendo como pano de fundo uma respiração terrível. Este som me fez parar por precaução e olhei de esguelha para ver o que ocorria naquele corredor.

Eu consegui ver um homem careca, vestido com um uniforme militar de cócoras na frente de uma mulher que tinha o rosto completamente desfigurado.

– Quanta tolice, jovem. Por que tanta resistência? – Disse o homem.

Ele encostou a mão na desesperada mulher, tocando nas feridas do rosto dela e continuou:

– Isso são feridas do seu renascimento, criança. Aqueles ratos estão ajudando-a em sua redenção, pois afinal de contas você nos traiu. Entrou em contato com o inimigo e ainda planejava fugir. Para que? Para ter liberdade? Quanta tolice. Nada disso é necessário. Veja o que o seu tolo desejo causou.

Fiquei estático olhando aquela cena e não consegui me mover, mas o ar abafado e a minha pesada respiração alertavam a minha presença. Desviei o olhar e, com minhas mãos, busquei conter o som do meu nervosismo, enquanto escutava a porta se fechar. Quando virei meu olhar para o corredor, me assustei ao ver aquele homem careca me aguardando:

– Senhor, desculpe a demora. Vejo que está bem desidratado. Venha, vamos começar a entrevista agora.

Tentei me virar em um ímpeto de fuga, mas, antes que eu fizesse isso, senti uma pesada mão no meu ombro. Eu nem arrisquei olhar para trás para saber de quem era.

– Entre. – Disse novamente.

Eu acompanhei ele até outra sala, diferente daquela aberta antes. Dentro dela, havia um lugar claro com uma grande mesa separando a cadeira indicada para mim e a do meu inquisidor. Para a minha surpresa, ele me aguardava também com um copo d'água que bebi com alegria:

– Você poderá beber mais. No entanto, somente depois que acabarmos.

O homem não se identificou, somente pegou um longo relatório e primeiro leu meu currículo, depois descreveu as metas que eu havia batido no departamento. Fui muito elogiado por ele e conversamos bastante sobre os meus sonhos e propósitos no trabalho.

Falei que queria contribuir para o crescimento do Estado e que meu maior desejo é ser o instrumento ideal para que o Grande Líder cumprisse seu objetivo. Ele riu de mim e disse:

– Então por que você fez isso?

Uma expressão sombria se apossou da face daquele que antes parecia ser um gentil homem. Ele me passou pela mesa uma carta, assinada com meu nome e com informações confidenciais sobre o Estado que eu nem sequer poderia saber, devido a minha humilde posição:

– Eu não... Eu não escrevi! – Gritei desesperado.

– Por que fez isso?

– Eu não fiz nada!

Nesse momento, novamente senti atrás de mim aquela pesada mão, dessa vez batendo meu rosto incontáveis vezes na mesa. Chorei enquanto era levado para outra sala. Lá havia um cheiro insuportável e um grande balde de água. Eu ainda ouvi estas palavras antes do terror que viria depois:

– Se não quer admitir, que seja. Mas não se preocupe, iremos te purificar. Tudo ficará bem. Vamos, pegue a corda e afogue ele.

A ladainha do diabo

Pedro Hiago Marques
Crateús/CE

A primeira lembrança que tenho data dos albores escolares, em um dos jardins da infância em que meus pais, furtados por necessidade de trabalho, acabaram por confiar sua sementinha.

Era uma roda de crianças, porém, não era ciranda. Pelo contrário, era o oposto da brincadeira, pois, qualquer um dos mirins que tivesse um pau, uma pedra ou mesmo uma tesourinha sem ponta a seu alcance, a sacudiria sem pudor, como no rito bárbaro de lapidação de uma prostituta, ou - se preferes que eu me atenha à temática - como fizeram ao famigerado gato de Dona Chica.

Ao centro, outra criança, coitada. Era um garoto, que pálido, via o círculo fechar, e os coleguinhas aproximarem-se como bestas-feras. Não chorava, pois já compreendia o fenômeno e não o temia, contudo, não poderia estar menos feliz.

Entre gargalhadas sádicas e entonações graves a imitar os adultos, os pequenos repreendiam o amigo que fizera uma malinação. O que mesmo ele fizera não sabiam, mas tinham a convicção de que era algo passível de punição.

A presidente daquele pandemônio, Tia Roberta, embora andasse já com a autoridade gasta, ainda mantinha algum poder, e com ele impunha as regras da convivência. Pela sua Lei, a pena para quem tentasse escalar a grade do portão de ferro, caísse, e atrapalhasse o intervalo em que a Tia, já exausta às 09h30min, fumaria o seu hollywood, era a reprovação pública. Para isso e para todo o resto. Era uma Lei bem sintética.

Assim funcionava: Com o infrator ao centro da roda, as crianças, puxadas por Tia Roberta, cantavam:

— Menino bobo, das pernas tortas, e do olhão húúúúúúúúúú!

A sentença, embora curta, repetia-se à exaustão, e sempre terminava em uma vaia uníssona. O castigo, que no máximo durava até o final do recreio, parecia estender-se pela eternidade.

Lembro-me com nitidez deste menino. Joelho todo ralado, sozinho com seu erro diante de todos nós, como uma ave penalta, esquisita e desengonçada, tentando esconder a cabeça sob as asas para aplacar a vergonha.

O escárnio admitia pequenas variações, personalizações que a própria

presidente tinha gosto em marcar, aproveitando a natureza de cada bobo, podendo chamar o gordinho da turma de "bobo, pernas tortas e buxão", e o narigudo entre os alunos de "bobo, pernas tortas, narigão", de modo que as sessões matinais de repúdio nunca eram monótonas.

Lembro-me apenas deste episódio, mas sei que o ritual se repetiu ainda algumas vezes até um dia. Tia Roberta era extremamente alérgica às nozes, mas mortalmente faminta. Na hora do recreio, ela tinha o hábito de fuçar as lancheiras e ver o que de bom os pais haviam mandado. Achou uma fatia de bolo, intocada, nem chegava a ser sobejo, e passou para dentro. O bolo era de nozes, e ela só veio a suspeitar disso quando a glote fechou e ela, em si, já estava inchada como uma noz.

Gritava abafado chamando a coordenadora. No desespero, ao tentar correr para fora da sala, chocou-se violentamente na estante dos materiais de arte, e no chão mesmo ficou.

Ela fez uma bagunça! As crianças não perdoaram. *Dura lex sed lex.*

Foram-lhe arrodando, como quem cerca uma pinhata:

— Menina boba, das pernas tortas e do olhão, húúúúúúúúúúú!

Deitada, empapuçada, a pobre professora não tinha ar para um grito. Mesmo se o tivesse ninguém ouviria, os miúdos estavam em polvorosa, dando uma lição na própria Tia.

Pobre Tia Roberta, que Deus a tenha. Quando as crianças perceberam, já era tarde demais.

O coro das criancinhas ainda ecoa dentro de mim, como a emanção cristalizada de um impulso primitivo. Toda vez que vejo alguém fazer uma besteira, a mente começa... menino bo-bo... Sei que não é dessa forma que um adulto maduro deve agir diante do erro do outro. Sei que existem tecnologias humanas mais eficientes, como o acolhimento e o diálogo. Sei também que talvez Tia Roberta ainda estivesse aqui para caçoar de outras crianças não fosse esta ridícula ladainha do diabo. Mas, que posso fazer?! Aprendi assim...

Feliz Ano Novo

Eryk Matheus Ferreira Marques
Fortaleza/CE

Uma história escrita para minha melhor amiga da escola e da vida. Escrita em meados de 2015 e reescrita em 2021. Apesar da distância e das mudanças da vida, o carinho permanece. Uma poesia de amizade.

Era uma manhã como qualquer outra, apesar de ser meu aniversário. Ao levantar da cama resolvi abrir a janela e sentir todo o carinho que o vento traz, ouvir o som do ar e dos pássaros cantando. Eu apreciava e adorava esses pequenos mimos das manhãs. Minha mãe entra no quarto batendo parabéns com um pequeno bolo.

– Não precisava mãe...

– Claro que precisava – ela fala, enquanto afasta uma mecha dos meus cabelos que estavam caindo sobre o rosto.

– Obrigada mãe...

O bolo estava uma delícia, enquanto saboreava peguei o celular para ver as mensagens. As minhas redes sociais estavam cheias de lindas homenagens, algumas com uma foto bem constrangedora na mesa de bar, outras do tempo do ensino médio. Lembranças e mais lembranças. É curioso como no aniversário costumamos ter várias lembranças.

– Fabiana, posso entrar? – pergunta Kátia batendo na porta.

– Entra. – grito.

– Parabéns amiga! Não se fica velha todos os dias. – Disse Kátia me abraçando e me entregando uma caixinha de presente decorada com um lacinho vermelho. Abro o pacote e tem bananas dentro.

– O que é isso?

– Isso é o presente para minha *best friend*, que eu carinhosamente chamo de Macaca Mãe.

Eu detestava e amava esse apelido que eu e Kátia tínhamos uma com a outra. Era uma forma carinhosa de nos chamarmos que inventamos depois que um macaco jogou cascas de bananas em nossa direção quando visitamos um Zoológico. Caímos na gargalhada e ficamos um bom tempo na cama rindo e comentando as mensagens que eu

estava recebendo. Logo em seguida, enquanto nos preparávamos para ir ao shopping, chega uma mensagem de Matheus, um de meus melhores amigos.

Feliz Ano Novo!

Mostrei a mensagem para Kátia, incrédula.

- É meu aniversário e ele me manda “feliz ano novo”?
- É a mensagem de parabéns mais estranha que eu já vi.
- O que será que eles quiseram dizer? – perguntei olhando a mensagem.
- Não vai responder? – indagou Kátia.
- Vou esperar, quem sabe ele manda outra mensagem se desculpendo.

Kátia concordou com a cabeça e fomos para o shopping. Ser uma garota tem suas vantagens: comprar roupas, maquiagem, bolsas e todo tipo de bijuteria. É claro que alguns meninos também gostam disso tudo e é muito bom. Comprei várias coisas. Encontrei amigos e recebi felicitações de todos, abraços, beijos e presentes inesperados.

É tão bom fazer aniversário! Todas as pessoas voltam a atenção para você.

– Dá para largar o celular e se concentrar no que eu estou falando? – falou Kátia tirando o celular de minha mão, enquanto estávamos sentadas na praça de alimentação.

– Desculpa amiga, estava respondendo as mensagens. Você acredita que o Matheus ainda não mandou mensagem falando sobre o “ano novo”?!

– Amiga desencana disso, aproveita o teu dia. Chegando em casa, você vai descansar, à noite comemoraremos na casa da Vanessa, será a noite das garotas.

No meu sonho, me vejo em um lugar espaçoso e cheio de flores. Eu uso um vestido rosa e estou deitada, a sensação era de sempre ter estado naquele lugar, era tão familiar. Ao virar a cabeça para o lado vejo uma cabra se aproximando. É Sasha, minha cabrinha que morava na fazenda de minha avó. Faço um carinho nela e me sinto tão feliz, olho em seus olhos e de repente vejo ela falando:

Feliz Ano Novo!

Acordei gritando. A cabra tinha falado! Minha mãe entra no quarto e pergunta se estou bem, respondo que sim. Era tudo culpa de Matheus e sua história de ano novo. Ele vai ouvir umas e outras quando me ver. Onde já se viu em pleno aniversário mandar feliz ano novo? Ele estava louco.

Naquela noite saí com Kátia e algumas amigas para se divertir. O som da música tocando, as bebidas em nossas mãos e nossas roupas brilhando com o globo, me fazia sentir livre. Eu era uma mulher livre. Rimos e nos divertimos até voltarmos para casa. Matheus e minha mãe estavam na sala rindo e comendo bolo, encaro por um momento e quando ele me vê se levanta me abraçando, “feliz ano novo!”. Minha mãe riu como se fosse cúmplice.

– Acredito que você não entendeu nada, somos amigos desde a terceira série e você ainda não entende meus enigmas – disse Matheus rindo – As pessoas acreditam que o ano novo começa no dia 1º de Janeiro, mas na verdade não. O ano novo começa no dia em que nascemos, no dia do nosso aniversário. Parabéns, amiga.

Matheus me deu um cordão brilhante e eu caí em lágrimas. Ele era meu melhor amigo.

– Está ficando “velha”. – disse ele rindo.

– Só que eu continuo sendo mais nova que você. – ri.

– Uma diferença de trinta e oito dias apenas. – ele respondeu cruzando os braços.

Rimos e comemos bolo lembrando das velhas aventuras da escola. Quando ele estava indo para casa, pude ouvir ele gritando da janela do carro: “Feliz aniversário Fabiana!”

– Ele te surpreendeu novamente. – disse mamãe.

– Como todos os anos. – respondi olhando o presente que ele havia me dado.

Depois de entrar, estava me preparando para deitar, quando minha mãe entra no quarto e me abraça.

– Não importa quantos anos você faça, sempre será minha princesinha. – falou me abraçando.

Aquele foi o melhor abraço que eu tinha recebido naquele dia.

E foi nos braços de minha mãe, a mulher que me deu a vida que percebi que Matheus tinha razão: meu ano novo começa agora. Começou e sempre começará nos braços de minha mãe.

Os lábios de Catarina

Cláudia Gomes
Feira de Santana/BA

Catarina era uma moça de dezesseis anos. Filha de dona Almerinda e do senhor Onofre Pedrosa, era a mais velha dos cinco filhos. Tinha sonhos como todos os adolescentes de sua idade, mas havia um que não tinha coragem de realizar: usar batom vermelho.

A família de Catarina tinha condições financeiras boas. Donos de uma grande empresa de produtos de limpeza na cidade de Dias D'ávila, Bahia, tinham mais duas filiais em outras cidades baianas, por isso, tanto Catarina quanto seus irmãos puderam estudar em escola particular desde pequenos. Nada faltava a eles. Os caçulas, que eram gêmeos, de três anos de idade, Victor de sete anos e Louise de doze anos estudavam na mesma escola. Já Catarina, como era do Ensino Médio, estudava em outra Instituição de ensino.

Dona Almerinda, mãe de Catarina, dizia que estudar em escola particular era se proteger dos racistas que ocupavam outros espaços da sociedade, mas ela estava enganada. Muitas vezes, Catarina sofria discriminação no momento das atividades em grupo ou ainda durante o intervalo, longe dos olhares dos seus professores. Longe da proteção dos pais que precisaram trabalhar muito para terem algum prestígio social na sociedade. Não que eles ainda não passassem por algum tipo de discriminação por serem negros, mas em uma sociedade onde o poder aquisitivo está acima, muitas vezes, dos valores morais e éticos, o racismo aparece, muitas vezes, velado.

As colegas da escola de Catarina usavam maquiagem todos os dias, batons de todas as cores e sombras iluminadas. Gostavam de exibir as últimas modas de um mundo feminino. Catarina não. Tinha vergonha de usar a cor de que mais gostava nos lábios, por isso preferia ir à escola sem nenhuma maquiagem. Às vezes, um leve rímel marcava a vivacidade do seu olhar. No entanto, o batom vermelho estava sempre no bolso de sua calça jeans esperando o momento certo para pintar aqueles lindos lábios carnudos. Ela sabia que em algum momento de sua vida isso iria acontecer, mas, emocionalmente, não se sentia preparada para expor sua verdadeira identidade. Usava máscara. Uma máscara invisível que só ela sabia conseguia ver.

Sua mãe até a questionava por que ela não ia à escola de maquiagem assim como as outras garotas da sua idade, afinal, era algo muito comum nessa fase de

descobertas, que era a adolescência. Como resposta, Catarina dizia que não gostava de se maquiar durante o dia. Era mais uma das mentiras que ela, forçadamente por um sentimento de inferioridade, dizia à mãe e sentia um nó na garganta a abafar as lágrimas. Ela não queria deixar a mãe triste e preocupada nem queria mudar de colégio, por isso escondia as piadas que ouvia na escola por parte de algumas meninas.

Certa manhã, durante uma aula de História, a professora passou um documentário sobre o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. De repente, no vídeo, apareceu a esposa dele, Michelle Obama, usando um forte batom vermelho, da cor de sangue. O sangue da vida, da luta e da resistência. A mesma cor dos batons guardados na gaveta de sua cômoda. A aula tinha como foco principal a democracia e muitas questões foram levantadas sobre o que é ser democrático e o que um país ganha quando todos participam das tomadas de decisão. Catarina ficou ali muito surpresa em ver a ex-primeira-dama rompendo o uso do tradicional batom nude, pois ela sempre aparecia bem discreta nas redes sociais.

Um mundo de pensamentos e sentimentos se misturaram dentro de Catarina. *Se ela usa, vou usar também!* Pensou a garota esboçando um leve sorriso. Era como se uma força emanasse de suas veias e tomasse conta do seu corpo. Era momento certo de agir a favor dela mesma. Catarina mexia o corpo inquieta. Os pés balançavam revelando que algo a estava incomodando. Queria ser livre, livre das barreiras invisíveis e perigosas que a afastavam dela mesma. Barreiras que foram construídas ao longo da história da humanidade e que precisavam ser derrubadas.

A colega que estava sentada atrás dela percebeu a mudança de humor de Catarina e falou baixinho ao seu ouvido:

__ O que está acontecendo com você, Catarina? Quer um namoradinho igual ao Obama é? _ E dando um leve tapa nas costas de Catarina que se sentava à sua frente, voltou para seu lugar.

Não! Não queria um namoradinho igual ao ex-presidente dos Estados Unidos. Queria o sorriso sem temor igual ao daquela mulher do vídeo. Queria a liberdade exposta daquele rosto feminino que revelava autoestima e poder. Queria.

A aula foi muito interativa. Todos faziam perguntas sobre o primeiro presidente negro dos Estados Unidos à professora que tentava responder a todos calmamente. Mas o olhar de Catarina estava em Michelle e na sua performance de mulher empoderada e engajada politicamente.

Catarina não respondeu nada à colega que ainda falava algo atrás dela, mas continuou sorrindo, disfarçando o grande entusiasmo que a ex-primeira-dama dos Estados Unidos transmitiu para ela. Sim, ela estava incomodada, mas era um incômodo bom. E pensou: *O que estou fazendo comigo mesma? Quero a minha identidade! Quero ser eu... fazer o que gosto, vestir o que tenho vontade. Usar as cores que desejo! Chega de seguir os ditames sociais que me invalidam como ser... como mulher! Quero pertencer a um universo que acredito e que me faz feliz.*

Passou a mão no bolso da calça. Sentiu o batom. A mão ficou por algum instante ali. Era como se ela estivesse buscando a força que precisava para tirá-lo e usá-lo como deveria ser. Fechou os olhos e pensou no sorriso da mulher do vídeo.

Assim que a aula acabou, ela pediu licença à professora que ainda não havia saído da sala, pois um grupo de alunos estava tirando algumas dúvidas sobre racismo e discutindo questões sobre a violência sofrida por George Floyd, um negro americano que foi brutalmente assassinado por policiais brancos.

No banheiro, Catarina olhou-se fixamente no grande espelho à sua frente. Achou o cabelo dela muito parecido com o de Michelle Obama. O rosto tinha o mesmo brilho, os mesmos traços. Os olhos negros, vivos e esperançosos como os da moça do vídeo. A boca... Não! A boca não tinha o mesmo batom cor de sangue. Abriu um sorriso. Passou os dedos lentamente nos lábios como se tivesse desenhando uma outra boca. O sorriso da menina do espelho foi recíproco. A felicidade de ser autoconfiante encheu seu peito de poder.

Tirou o objeto do bolso. Abriu-o e colocou a tampa em cima do mármore escuro da pia. Lentamente, foi pincelando, com o batom nunca usado, o lábio inferior, depois o superior. Várias vezes passou o batom nos lábios. A garota do espelho ainda estava sorrindo e ao abrir a boca, sussurrou a ela:

—Está na hora de mostrar ao mundo quem é você, Catarina Pedrosa. Seja como Michelle. Seja forte... Empodere-se!

Ficou ali, na frente do espelho, por mais alguns minutos. Ouviu a sirene do intervalo tocar. Ouviu as vozes nos corredores. Estava na hora!

Nos corredores de volta à sala de aula, Catarina se sentiu a mais poderosa de todas as garotas daquela escola. Sentiu-se livre e pronta para enfrentar os olhares, risos e até palavras de ódio. Abriu seu mais lindo sorriso. Tinha descoberto que o poder vinha de um simples e barato objeto. Vinha de um batom vermelho.

WI-FI no Sertão

Ilton Aparecido de Paiva
Fortaleza/CE

No sertão de Itapipoca, as labaredas tremulam no mato seco de um sítio. O vaqueiro montado no cavalo observa as chamas vivazes. Um preá passa por cima de uma cobra que rasteja sem se importar com a posição do roedor na cadeia alimentar.

O cavalo se incomoda com a quentura e é contido pelo homem sob o aperto das rédeas. Tocado pela prudência, o vaqueiro se afasta um pouco e diminui o desassossego do equino.

O sol escaldante da tarde assomado ao calor das chamas não impede que os moradores do sítio e alguns vizinhos surjam com baldes de água e grossas lonas a combaterem o fogo por resfriamento e abafamento. Jurandira, o esposo e os cinco filhos se esforçam vigorosamente contra o avanço do pequeno incêndio. No galinheiro, as aves cocoricam com os nervos à flor das “penas”.

A pequena Jandira apenas chora monitorada pela irmã mais velha que a detém pelo braço para não deixá-la adentrar a mata e procurar Pepe, o vira lata que habita a casa desde antes dela nascer. O pequeno incêndio é debelado pela agilidade dos moradores após a combustão espontânea ser avisada aos gritos por Jandira.

O vaqueiro se conservou na montaria andando de um lado para o outro até o fim do incidente orientando as pessoas.

As roupas manchadas pelas cinzas foram retiradas do varal para nova lavagem. De súbito, Jurandira avisa: - Óia, filhinha, quem apareceu!

– Pepeeee!

Jandira desce o batente, corre e abraça o cão.

– Ai! Tem carrapichos.

À boquinha da noite, o mugido de um garrote abafa o crepitar das brasas por alguns segundos. Sobre o fogão à lenha, assa um tucunaré pescado naquela manhã. O primo da cidade, havia chegado na noite anterior e conseguiu pescar apenas duas piabinhas, fato que o fez desistir da pescaria e brincar saltando de um tronco e mergulhar na água barrenta. A diversão era tão excitante que Gael não percebeu a hora passar e ao sair do açude, seus lábios, mãos e pés estavam engelhados.

Jurandira prepara um ovo caipira na manteiga para o sobrinho, pois é o seu prato preferido. Ao aproximar das férias escolares, a tia acumula dezenas de ovos para

o garoto levar consigo no retorno para casa. Gael se desconforta ao mastigar uma pedrinha no meio de uma porção de arroz. Das mariposas que rondam a lâmpada, uma delas cai dentro do copo de suco de seriguela e é retirada delicadamente pelo menino.

Após a ceia, os primos se acomodam no peitoril da varanda e Gael dispensa toda sua atenção aos causos contados pelos primos. Alguns contos de assombração, embora repetidos, o lobisomem ou o gritador, ainda causam surpresa no garoto, pois os primos sempre acrescentam algo mais em cada narração da mesma história. Nessa noite, a novidade é a visagem vista por Jessé debaixo da oiticica ao se banhar no córrego, meses atrás.

Vasculham o céu estrelado e localizam o Cruzeiro do Sul, única constelação conhecida pelo grupo. – Não aponta, Gael! Senão, nasce uma verruga no dedo.

De repente, Gael saca o telefone celular do bolso e toda sua atenção é direcionada para as mídias sociais, curtidas e repostas aos comentários nas suas postagens. Maquinalmente, os primos também pegam os celulares. Jandira, deitada na rede, entretida num joguinho eletrônico, mantém-se indiferente ao roçar de Pepe em busca de carinho.

Passados alguns minutos de silêncio, Jessé pergunta: - Gael, você já viu o vídeo dos Gatos Sertanejos?

– Não! Envia pra mim.

Aos poucos, o diálogo entre os primos se restabelece entrecortado pelas sucessivas interrupções das notificações nos aplicativos instalados no celular de Gael.

As aventuras do gatinho Bombom

Antony José
Itaguaí/RJ

– Depois que a gente colocar o VITAMAS E VOLITORES na pele de vocês, vamos voltar ao nosso mundo para esperar muito tristes, mas em paz, o fim da nossa existência – o comandante diz, com muita tristeza, ao mesmo tempo em que o soldado piloto chora.

– Mas não vai doer? – perguntam os gatinhos, ao mesmo tempo.

– Não se preocupem! Será um procedimento rápido – explica o comandante, ao perceber que eles estão mais calmos, enquanto faz sinal com a mão para o soldado-piloto colocá-los no chão.

– Soldado, coloque os microchips embaixo da pele deles, agora!

– Sim, senhor!

Em seguida os microchips são colocados nos gatinhos e, em poucos segundos, eles começam a sentir uma incrível sensação de bem-estar em todo seu corpo. A mudança de comportamento é completa.

– Pronto! Vocês não sabem como estão sendo úteis para que o VITAMAS E VOLITORES “Não faça com os outros aquilo o que você não gostaria que fizessem com você” não desapareça do Universo.

Voltaremos ao nosso povo com a sensação do dever cumprido – diz o comandante.

– É uma grande satisfação para a gente poder contribuir. Além de preservar essa experiência, ainda podemos espalhá-la em toda a Terra para que o mundo seja melhor e mais amável a cada dia – pronuncia a Manhosa.

– Eu estou até me sentindo melhor – comenta o Mandão.

– Será? – pergunta o Tolinho, desconfiado.

Depois de ouvirem os gatinhos, o comandante Cascudão, o capitão Cascudo e o soldado-piloto Cascudinho se despedem e voltam ao seu planeta Vitol, enquanto os quatro gatinhos dão “tchau” para a nave espacial que some no horizonte.

– Gente, vamos voltar para as tendas e preparar alguma coisa para comer? Essa aventura me deixou faminto – sugere o

Bombom.

– Eu quero é novidades! Você só vive com fome! – o Mandão grita.

– Já vai começar a discussão de novo? Nem parece que os besouros colocaram os microchips na gente! Eu tenho dúvidas de que o VITAMAS E VOLITORES funcione com a gente – a Manhosa chama a atenção deles.

E o Tolinho não deixa por menos:

– É mesmo, pessoal, vamos parar de brigar e vamos nos esforçar para colocar o VITAMAS e VOLITORES em ação?

Por enquanto, termina aqui essa agradável e eletrizante aventura.

Enquanto os quatro gatinhos voltam miando felizes e saltitantes em direção às suas tendas para continuarem o passeio depois de passarem por um baita susto e acharem que iriam morrer, se prepare para outras aventuras que virão por aí.

Lembre-se: “Não faça com os outros aquilo o que você não gostaria que fizessem com você!”

Os flautistas de Hamelin

Isabela Cassettari

Serra Negra/SP

A música era contagiante. É contagiante. Meu coração salta sem ritmo do peito. Eles sabem o que estão fazendo. Eles conhecem nosso desespero, sabem para quais Deuses rezamos desesperadamente todas as noites em busca de sinais, por menores que sejam que nos digam que seremos felizes, estaremos felizes em algum momento da vida. Uma Brecha. Um descuido. Eu posso sentir o cheiro de damas da noite apenas pela minha memória ativada com as melodias. Eles sabem o quanto daríamos tudo por isso. Quanto queríamos estar lá e realizar nossos sonhos ou melhor nossas ilusões mais profundas e claro eles sabem o que nos seduz e como sabem. O que te atrai? Conhecimento? Dinheiro? Amor? Sexo? Tudo incluso em pequenas parcelas, pequenos sacrifícios que parecem tão pequenos pela enormidade da ideia, dos projetos, dos sonhos. Não se iluda, as músicas são bem-feitas, a história ou melhor a estória é bem contada, a armadilha é planejada por profissionais e você vai cair em alguma delas. Seu conhecimento vai te salvar, mas nem sempre. A música ainda toca e ela não vai parar até atrair você, com a melodia mais rica, mais lindas, mais macias. Ela quer você.

Os Sertões do amor: panos refeitos

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Em uma pequena cidade dos sertões do Brasil viviam duas famílias que se dedicavam aos seus pequenos comércios. Virginia era a filha do senhor Josias e dona Veruza que tinham uma venda de materiais de construção. Mathias era filho do grandioso Gusmão e da amável Marta que possuíam um pequeno mercadinho. Ambas as famílias conviviam em completa harmonia e ansiavam para que os filhos, um dia, chegassem a formar uma família.

Transcorriam os dias e a amizade entre Mathias e Virginia cresciam ao passo que ambos passaram a estudarem juntos em busca de ingressarem no ensino superior. Os dois passavam a maior parte dos dias unidos e trocando ideias, risos e afagos. Em um momento, quando se deram conta, estavam a trocarem carinhos, afagos e beijos. Tudo caminhava como as duas famílias desejavam. Os jovens passaram a condição de namorados e a sensibilidade entre ambos aumentou.

Virginia pensava como seria sua vida ao lado de Mathias e se alegrava na certeza que ambos teriam um futuro promissor. Mathias, não diferente de Virginia, não conseguia mais pensar em sua vida longe de sua amada. Eles continuavam a estudar e planejavam como seriam suas aulas na universidade, seus professores, as novas amizades e o descobrimento de um novo mundo, tendo em vista que, teriam de sair de sua pequena cidade natal, naqueles recantos sertanejos.

Ambos prestaram a seleção para o ingresso na universidade. Virginia almeja o curso de arquitetura e urbanismo e Mathias queria ser um advogado. Eles se divertiam em meio às conversas, os carinhos e os planos. De modo que, esperavam o resultado do processo com ansiedade, mas sempre com sua cumplicidade. O que tornava tudo mais tranquilo. O grande dia chegou, e saiu o resultado, Virginia atingiu o seu propósito, entretanto, Mathias não teve o mesmo êxito.

Após o resultado, o casal de namorados se sentou para discutir a situação em que se encontrava e a provável partida de Virginia para a capital de sua universidade. Mathias de imediato apoiou sua namorada e afirmou: próximo ano estaremos juntos, cursando nossos cursos, isto foi apenas uma pausa em nossos planos. Virginia assentiu

com o olhar e concordou. Tudo continuava igual entre eles, a mesma amorosidade se revestia em seu relacionamento.

Passaram os dias e chegou o momento de Virginia partir em busca daquele sonho que havia gestado junto com Mathias. Ambos estavam felizes e entusiasmados com a nova possibilidade. Virginia chegou à cidade grande e tudo para ela era estranho, o tempo parecia mais rápido e volúvel do que estava acostumada. Logo, passou a ir para suas aulas e conheceu novas pessoas, com quem fez grandes amizades. Mas, seu coração continuava a pensar em sua pequena cidade e no grande Mathias.

As férias se aproximaram e Virginia para sua cidade retornara. Lá encontrou sua família, amigos e Mathias que parecia um pouco distante. Ao cair da noite, Mathias convidou Virginia para uma conversa, os olhos de Virginia brilhavam de alegria. Acreditava que Mathias ia propor um novo degrau ao relacionamento. Mathias chegou de forma singela e sentou ao lado de Virginia. E não muito demorado, falou: tenho pensado muito nesses meses que você partiu e percebi, em meus sentimentos, que não devemos mais continuar.

Virginia não podia acreditar no que escutava e indagou: É porque eu estou distante? Para mim nada mudou, gosto de você mais que antes. Mathias apenas respondeu: não é à distância, acredito que é a falta de amor. Assim, é melhor terminarmos e cada um seguir o seu caminho em busca da felicidade. Virginia com o coração partido não relutou, aceitou a decisão, do até então, namorado. Era como se ambos os corações desejassem o melhor para cada um. Ali terminavam os caminhos amorosos entre Virginia e Mathias.

Depois daquele momento Virginia voltou para a capital e, poucas vezes, retornou à sua cidade. Quando vinha visitar a família não perguntava por Mathias. Assim, seguia com seu curso e com seus objetivos. Tornou-se uma arquiteta de sucesso na capital do Estado. Ali vivia embalada em meio a plantas, negociações e planejamento, sua vida parecia ser dedicada exclusivamente ao trabalho. A jovem arquiteta não gostava de festa e agitações noturnas. Parecia feliz com sua vivência laboral.

Aquela vida corrida de trabalho, reuniões e planejamentos já estavam a cansar Virginia, que havia atingido um nível alto de estresse. Ela resolveu que era tempo de tirar umas férias mais demoradas e se afastar daquele ambiente que a estava afligindo. Passou uns dias desfrutando das belezas das praias do litoral e depois resolveu ir a sua cidade, ver seus familiares e reencontrar seus amigos antigos. Já se fazia quinze anos que não se demorava em suas terras.

A família de Virginia recebeu a notícia com entusiasmo e alegria. Prepararam a casa com alegria para receber a filha amada. Na cidade todos ficaram sabendo da novidade e comentaram: como estará Virginia depois de tanto tempo? As dúvidas não perduraram por muitos dias. Logo, Virginia chegou à cidade mais ativa e vibrante que nunca. Todos os receberam alegremente e festivamente.

Em uma tarde ao caminhar pelas pequenas ruas dos sertões, Virginia escutou uma voz familiar: veja só, se não é a minha antiga namorada. Virginia se virou abruptamente e de imediato, percebeu que era Mathias a sorrir. Sem nenhuma cerimônia, respondeu: Mathias você não perde este costume de me fazer surpresas. Ambos passaram a conversar como se o tempo não tivesse passado. Mas, Mathias como seu ar provocador, indagou: o que está fazendo por aqui? Virginia lhes disse que estava de férias por tempo indeterminado.

Virginia lançou o olhar para a esquina e viu o escritório de advocacia de Mathias e sorriu. Então é um advogado mesmo? Mathias, sem cerimônia, falou: assim, como havíamos combinado. Os risos aumentaram e ambos sentiram aquele amor reviver. Mathias mesmo tendo negado, anos atrás, aquele sentimento não podia deixar de ser tocado ao ver novamente Virginia. Parecia que apenas o amor havia crescido e amadurecido.

Os dias passaram e os amigos continuavam a se encontrar. E com a tarde em que terminaram, Mathias voltou a perguntar: Virginia aceita namorar comigo? Os olhos da garota brilharam e sem pensar, estavam a namorar. No outro dia, Virginia recebeu um telefonema da empresa a te chamar. Ela de imediato pediu sua rescisão e decidiu não voltar. Agora escolhia ficar e continuar com sua vida em cores, não sabia o que a esperava quanto ao amor e sua carreira, mas ia arriscar.

Dez anos mais tarde, encontramos nosso casal feliz e com seus trabalhos a prosperar. Virginia enviou um convite para Mathias a encontrar. Era uma tarde chuvosa quando Virginia anunciava que iam ser papais. Não somente de uma criança, porém de gêmeos que já demonstravam seu temperamento, tendo ela ficado enjoada várias horas ao dia. Mathias não se cabia em alegria e encantamento. Assim, deduziu que os planos e o amor não são questões para ser abandonados fáceis.

O Antigamente das Cacimbas

Maria Toinha
Marcos Andrade
Lavagem-Trairi/CE

Cresci na Lavagem, no interior do Ceará, quando o lugar ainda era um pequeno povoado. Até hoje prefiro lembrar do meu lugar a partir desse nome, pois tem coisas que só poderíamos ter vivido na Lavagem. Canaan foi nome dado pelo olhar do branco e não exatamente pelo Povo. O Povo de quem eu falo são as Lavadeiras, as mulheres, em sua maioria negras, que deram ao lugar o nome de sua prática – a Lavagem de roupas. Essas mulheres lavavam as roupas dos brancos, daqueles que tinham uma melhor condição de vida, daqueles que de fato controlavam os rumos da narrativa oficial sobre o nosso lugar.

Havia nesses Outros o interesse de se distanciar do nosso passado real, passado encantado pelas roupas quarando no sol, pelos segredos antigos compartilhados pelas Lavadeiras, pelas cantigas cantada por Mamãe Oxum na correnteza do córrego, pelos mistérios do agricultor que fecundava as “baixas dos córregos” com sua sabedoria apreendida pela experiência de deslocar a enxada e a foice com o corpo. Os Chefes do lugar diziam que fazíamos vergonha como Lavadeiras e Agricultores pobres e tentaram nos obrigar a esquecer nossas origens: – Quem disser o nome Lavagem vai pagar uma multa. – Dizia o Padre. Podia o pobre suportar isso?

O nome da Lavagem foi alterado pelo desejo da gente branca do povoado de invisibilizar o labor das Lavadeiras, a poética dos córregos, a contribuição da nossa gente na composição daquele território. Havia também a esperança de que nos tornássemos mais cristãos com o nome de Canaan, a terra prometida segundo a bíblia cristã. A verdade é que nos tornamos mais Encantadas e que a Lavagem ainda sobrevive em nossas veias. De vez em quando, me pego pensando em como a Lavagem ainda vive em mim e olho para a beirada do córrego. É lá que as cacimbas eram cavadas pela gente Lavadeira.

Quando eu era menina precisava ir buscar água nessas cacimbas. Aprendi isso com meu pai e minha mãe. A gente buscava água na cacimba e

enchia o pote de barro. Já falei sobre o pote que vive comigo há mais de 30 anos, cabe agora tecer memórias sobre o antigamente das cacimbas.

Há quem se lembre daquele momento da vida com muito carinho, mesmo que a dificuldade tenha sido grande. Nasci como uma menina pobre e me criei com a certeza de que jamais poderia me esquecer do passado. Porém sou uma pessoa que não olha para o passado com rancor. Eu aprendi a olhar mais profundamente para as experiências que passei na vida e a ver nelas algo que o rancor não permite. Eu nunca quis ser rica, eu só quis que as pessoas do mundo tivessem compreensão de que a vida não se realiza por meio das riquezas materiais. A vida pede mistério, caridade e gentileza para se realizar. E não era isso que me ofereciam as cacimbas da Lavagem?

Eu me lembro de cavar o chão com as mãos depois de caminhar com uma cabaça na cabeça. Chegava ainda com escuro na ribanceira do córrego do Compadre Rodolfo e me debruçava sobre o chão frio para cavá-lo. A areia era macia e cedia aos meus esforços. Os passarinhos se desciam do céu para riba dos coqueiros e ficavam cantando enquanto eu abria o buraco da cacimba cantarolando. As águas brotavam somente quando o cântico das aves era suficiente para acordá-las. Eu me encantava com aquele mistério. Nessa época, levava água da cacimba numa cabaça grande e por vezes naqueles tambores de querosene que os ricos arrumavam pra gente trabalhar botando água na cabeça.

As areias eram caridosas comigo fazendo com que a água brotasse limpinha do chão para minha cabaça. As águas eram limpas como o primeiro sorriso do sol sobre o mundo. Aqueles passarinhos eram gentis com o meu caminho. Depois de cantar para as águas encherem a cacimba, os passarinhos me levavam até pertinho das casas na Rua da Lavagem. Eles voavam comigo... me sentia leve, não importava o peso da cabaça. Naquela época, eu tinha força para erguer qualquer peso sobre minha cabeça. Essa é uma sabedoria compartilhada também pelas Lavadeiras que conduziam grandes trouxas de roupas em suas cabeças e as vezes bacias maiores do que elas. As mulheres da Lavagem se aformigavam pelos caminhos com aqueles grandes pesos nas cabeças.

O ofício de carregar água na cabeça me permitiu sustentar meus filhos depois que meu marido morreu. O Chico foi embora muito cedo, tinha apenas 54 anos quando desencarnou. E eu fiquei com um bando de filhos. Fui uma mulher de muita força para o trabalho, nunca quis me ausentar de minhas responsabilidades. Eu trabalhei por um tempo levando água das cacimbas das ribanceiras do córrego para as casas das pessoas na Lavagem.

Mas nem sempre era fácil encontrar minha cacimba limpa, pois havia gente maldosa que mijava nas cacimbas que eu cavava. Era muito triste chegar pela manhã em uma das cacimbas e ela está podre do mijo alheio. Ficava com raiva, mas não havia o que fazer senão cavar um novo buraco nas areias macias e pedir que os passarinhos não parassem de cantar até que a água brotasse limpinha das profundezas.

Certa vez, estava cavando uma cacimba nova no córrego do Compadre Rodolfo. Estava chateada por terem sujado a cacimba que eu mais gostava. Me debrucei sobre a terra e comecei a forçar a areia. Os passarinhos cantavam na palha do coqueiro. Ouvia a água correr tão mansa detrás de mim... parecia que a correnteza do córrego queria parar. Senti uma presença e me volvei para ela:

– Deus te salve, minha filha! – falou a Mulher de vestido amarelo.

– Deus te salve, minha Mãe.

Passei as costas da mão em minha testa afastando os cabelos dos olhos, enquanto sentia muito atentamente a presença encantada que me falava. Fiquei um pouco nervosa, pois certamente que a Senhora dos Rios teria me ouvido brigar há alguns instantes. Ela sorriu e disse:

– Não está me reconhecendo, minha filha?

– Estou com vergonha, minha Mãe. É que sujaram minha cacimba.

– Eu sei, Maria. Mas estou aqui para limpar tua visão... te lembra que a água que sobe para tua cabeça também é minha. E minha é a tua Coroa.

– É por isso que eu tenho tanta segurança, minha Mãe.

– Então eu quero que você volte para a outra cacimba e pegue sua água lá mesmo.

Ao ouvir aquilo parece que eu subi do chão. Não podia acreditar que a Mamãe Oxum estava me mandando retornar à cacimba suja. Eu sempre fui assim, quer dizer, eu sempre acreditei e descreditei ao mesmo tempo. Foi uma coisa que herdei da minha mãe. Mas não poderia desobedecer a Mamãe Oxum diante de sua presença, então respirei fundo e me levantei do chão com a cabaça na mão. Ela sorriu para mim, satisfeita com minha obediência. Cheguei à beira da cacimba e parei. O receio havia tomado a minha cara. Os passarinhos pararam de cantar de propósito. Diante de minha demora, Mamãe Oxum perguntou:

– O que foi, minha filha?

– Não é nada, Mamãe.

– Eu sei o que se passa no teu coração. Olha para a cacimba.

Olhei para o buraco e contemplei a água mais fresca que meus olhos já tinham enxergado. Fiquei envergonhada por ter duvidado e me virei novamente para Mamãe Oxum. Ela mantinha um sorriso doce e disse:

– A água que sobe para tua cabaça também é minha...

A voz ecoou enquanto flores amarelas tombavam na correnteza do córrego.

Enchi a cabaça e botei na cabeça. Tornei para a rua da Lavagem com os passarinhos.



Ilustração: Letícia Érica Ribeiro



Um toaque
de cordel



A Lenda da Lagoa do Criancó

Thiago Soares
Trairi/CE

Trairi é uma cidade
De belezas naturais
Fica aqui no mar oeste
Coberta por coqueirais
Dunas mui maravilhosas
E praias fenomenais

É a terra onde nasci
Onde também fui criado
Desde menino escuto
Contos de mal-assombrado
Contados para assustar
Caboco desaforado

Faço agora um pedido
De que preste atenção
A história que se segue
Não pense que é invenção
Ela vem sendo passada
Geração a geração

Aqui contam os mais velhos
Para quem quiser saber
A lenda de uma lagoa
Que você vai conhecer
Chamada de Criancó
Muito linda de se ver

A nossa lenda começa
Com um romance bonito
De uma moça e um rapaz
Que no céu estava escrito
Algo bem da juventude
Nada tinha de esquisito
Essa mocinha morava
Numa casa pequenina

Junto dela tinha a mãe
E o pai que era sovina
Apanhava todo aquele
Que olhasse pra menina

Era uma tapera simples
Com sala, quarto e cozinha
Tinha ainda uma cacimba
Com uma água bem limpinha
Plantação de arroz e cana
E uma vaca bem gordinha

A moça pouco saía
Ficava em casa trancada
Não era por sua vontade
Mas porque era obrigada
Se saísse e demorasse
Era certo ser surrada

Certo dia, com a mãe
Foram juntas ao mercado
A mocinha não sabia
Do seu destino traçado
De encontrar o seu amor
Romance predestinado

Tinha cara de chamado
Aquele momento, pois
A mocinha avistou ele
E ele viu ela depois
Parecia ser marcado
O encontro deles dois

O efeito foi tão forte
Como uma feitiçaria
Os olhos ali grelados

Nem a pestana bulia
Sua mãe se dando conta
Disse logo: “Minha fia...!”

“Pare com a cavilação
Tu aqui não tem querer
Teu juízo tá trocado
Escute o que vô dizer
Se teu pai só desconfia
É sabido o seu fazer!

E puxando o seu braço
Levou a menina embora
O rapaz ficou sozinho
Pensando ele: “E agora?
Essa meiga e bela flor,
Onde será que ela mora?”

Já na hora de dormir
Deitada estava a mocinha
Com os olhinhos grelados
Pensando a sorte que tinha
Acordada, mas sonhando
Com o rapaz lá da feirinha

O moço do mesmo jeito
Não conseguia dormir
Com a moça na cabeça
Não querendo mais sair
Eufórico e muito alegre
Paixão estava a sentir

O desejo era tão forte
Não podia segurar
E achando uma maneira
Deram de se encontrar
E pediram a Santo Antônio
Pro namoro abençoar

E deram de namorar
Num lugar bem escondido
Pois se o velho descobrisse

Do romance acontecido
Enchia os dois de lapada
Pro lombo ficar moído

O ditado vem e diz
Que a mentira é cotó
O pai dela descobriu
E ficou um diabo só:
“Filha minha já nasceu
Pra morrer no caritó!”

Tinha mais dessa história
Que o velho ia saber
Além do caso escondido
Que estava a acontecer
A mãe percebe na moça
Uma barriga aparecer

O velho descontrolado
Ameaçou ela de morte
Quis deixar a pobrezinha
Vivendo da própria sorte
E disse com muita raiva:
“Nesse bucho faço um corte!”

A mãe, de um só pinote
Ficou de pé na sua frente
Viu lá dentro de seus olhos
Um ódio inconsequente
Gritou bem no seu ouvido:
“Deixe de ser tão valente!”

E o pai saiu ligeiro
Com uma faca na mão
Na outra ia uma foice
Foi tirar satisfação
Indo na casa do moço
Resolver sua questão

Chegando lá na tapera
Já era final de tarde
Gritando pelo fulano

Fazendo o maior alarde
A vizinha disse ao homem:
“Pegue sua arma e guarde!”

“O rapaz a quem procura
Já não mora nesta casa
Faz é mês que foi embora
Dizem que ele tem asa
Encanta todas as moças
Com nenhuma delas casa

Sem poder fazer vingança
O velho ficou frustrado
Não aguentava a vergonha
Por seu orgulho quebrado
E a honra da sua filha
O Rapaz a ter levado

Voltou pra casa zangado
E logo determinou:
“Você vai ter o menino
Mas não pense que eu vou
Aturar esse infeliz!”
E na camarinha entrou

A moça desesperada
Em prantos caiu no chão
A mãe lhe acalentando
Mas não tinha solução
Sentindo todo o desprezo
Ela perdeu a razão

Desse dia em diante
A moça pouco comia
Ficava sempre sentada
Tamanha era a agonia
Não falava, só chorava
E sua barriga crescia

Nove meses se passaram
E a criança assim nasceu
No primeiro chora dela

Toda a casinha tremeu
A parteira a segurou
Sem demora lhe benzeu

A moça, agora mãe
A criança não quis ver
O nome para o batismo
Ela não quis nem saber
Só lhe corria o desejo
De logo, logo morrer

Passando-se alguns dias
De muita perturbação
O choro não dava trégua
Era medonha a tensão
Seu peito não tinha leite
Pra tanta esfomeação

E foi num final de tarde
Que a tragédia aconteceu
A mulher desesperada
Pegou o filho e correu
Jogando lá na cacimba
E ele desapareceu

Os pais da moça correram
Horrorizados ficaram
Com aquela atitude
E com a moça gritaram
Caíram ajoelhados
E juntos eles choraram

O susto foi bem maior
Quando foram escutando
Um choro muito tristonho
Da cacimba ecoando
Era a pobre da criança
Que estava lhes castigando

De repente da cacimba
Toda a água transbordou
A enchente foi ligeira

Que o terreno alagou
Cobrindo toda a casinha
E tudo aquilo afundou

A moça e os pais dela
Nas águas se encantaram
Penso que bem lá no fundo
Os três unidos ficaram
Chorando e arrependidos
Pela cria que negaram

A história finda aqui
Falando do nascimento
Dessa tão linda lagoa
Surgida de um momento
Encharcado de amor
Amargura e lamento

Existem outras histórias
Lendas sobre esta lagoa
Eu contei a que aprendi
E você não fique atoa
Aprenda essa daqui
E conte a outra pessoa

Essas outras tantas lendas
Com a lagoa envolvendo
Todas são maravilhosas
Você vai ficar sabendo
Deixemos pra outra hora
Pois aqui não estão cabendo

ATANDO LINHAS, CONSTRUINDO REDES

Sobre a Rede Alagadiço

Somos a **Rede Alagadiço: Uma Plataforma Artística Cearense** que produz conteúdo, mas para além disso constrói relações e estabelece teias entre artistas independentes, em especial no nosso Estado.

Surgimos em 13 de março de 2021, um mês no qual o Ceará começa a ser banhado por chuvas, que contribuíram para que nosso imaginário sociocultural adotasse a ideia de inverno. É nesse cenário – muito mais cultural, do que propriamente geográfico – que lançamos nosso projeto coletivo, ao qual demos o nome de Alagadiço Literário.

Nesse sentido, tínhamos como objetivo principal, publicar textos de autoras e autores cearenses, sejam eles fossem conhecidos ou não. A intenção era incentivar a produção literária das mais variadas pessoas, dando-lhes oportunidade de serem lidas, pois sabemos que infelizmente, a literatura que é consumida no nosso país está centrada majoritariamente no eixo sul-sudeste, quando não, no eixo Europa-EUA. E em contrapartida, tem surgido inúmeros projetos nordestinos, como revistas, blogs, podcasts, entre outras coisas. Portanto, seguindo o mesmo objetivo, mas refinando-o, a nossa plataforma é feita exclusivamente por cearenses, do qual o resultado desse enlinhado de gente está ao alcance de todas e todos, aqui na **redealagadico.com.br**

Enfim, o projeto nasceu, e nos dois primeiros meses, ele cresceu e tomou proporções bastante positivas. Podemos dizer que demarcamos território e estamos conseguindo conquistar nosso espaço a cada dia; e em parceria com muitas pessoas e projetos, do Nordeste e do Brasil inteiro. Estas integrações são muito importantes, e nosso objetivo enquanto plataforma não vai de jeito nenhum contra elas.

Neste meio tempo, lançamos o **Espaço Amostrado** – ou só Amostrado, para os íntimos –, nosso ambiente onde fazemos a exposição de artes visuais produzidas por artistas cearenses. Nesse espaço, a Rede Alagadiço dá a oportunidade de que o público da plataforma conheça e aprecie fotografias, ilustrações, desenhos digitalizados, colagens, entre outras coisas, produzidas por artistas cearenses, possibilitando a conexão de ambos. Mas ainda tem mais: Na primeira semana literária que realizamos, lançamos o **Alagadiço Podcast**, o nosso ambiente de contação de histórias em áudio. Nela liberamos audiocontos e audiocrônicas inéditas para a plataforma, e outros reproduzidos de acordo com os textos já publicados aqui ou em outros meios.

De cara nova, pretendemos continuar fazendo esse trabalho, pois acreditamos no potencial que ele tem. Sempre procurando estabelecer pontes e se reinventar dentro das nossas limitações, para que seja possível a água escorrer por baixo dela e levar à muitas outras pessoas nossas várias facetas. Sendo assim, somos uma plataforma tecida por muitas mãos, de vários rostos, vários jeitos, e ao mesmo tempo únicos. Somos da Terra do Sol que Ilumina o Mundo!

Quem organiza a Rede Alagadiço

Flaviano Lima é um trairiense natural de Itapipoca, no Ceará, mas mora em Fortaleza por conta do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). Quase um peregrino. É fundador da **Rede Alagadiço**, e está produzindo uma trilogia de contos Sertãopunk intitulada Chapéu de Palha, que se passa no litoral do município que cresceu. Curte funk e cultura pop em geral, além de ser amante do frio do inverno cearense – período que mais se sente inspirado.

Jennyfer Costa é natural da cidade de Pindoretama e é estudante de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Escreve desde os 14 anos de idade, e durante esses tempos já produziu esquetes teatrais, roteiros musicais e textos para produções audiovisuais que se encontram espalhados pelo YouTube. Atualmente, desenvolve poemas, crônicas e através da **Rede Alagadiço** – da qual é coordenadora – começou a escrever ficções que carregam um pedaço de suas narrativas pessoais.

Camila Vasconcelos é graduada em Biblioteconomia e graduanda em Pedagogia; desde 2017 vem pesquisando e aprofundando suas pesquisas na área de artes visuais e atualmente iniciando investigações na área de arte-educação e escrita na **Rede Alagadiço** – da qual é coordenadora. No início de sua jornada desenvolveu projetos relacionados à fotografia, experimentando gravura, fotopintura e encadernação, mas nesse momento experimenta outras mídias e maneiras de comunicar. Desenha plantas e expõe seus gatos nas suas redes sociais constantemente.

Chico Milla é do Sertão do Ceará. Viado, sagitariano e mimizento; já publicou em revistas como Mafagafo, MAD, Nove Amanhãs e participou de mesas na Bienal do Ceará de 2017 sobre Kafka. Recentemente, foi o autor cearense selecionado pra antologia Farras Fantásticas da editora Corvus; coordena e colabora com a **Rede Alagadiço**, por onde publicou Aquele que é Digno de ser Odiado, uma sequência antológica de contos Sertãopunk (disponível gratuito no Wattpad).

Caio Marques é estudante de Ciências Sociais pela Federal do Ceará (UFC) e um católico que bebe da universalidade da vida. Natural de Eusébio, mas que viveu toda a vida em Fortaleza, Caio, além de coordenar e colaborar na **Rede Alagadiço** é amante de russos, gregos e Machado, tanto nos livros quanto no xadrez.

Acesse a Rede Alagadiço:

<https://redealagadico.com.br/>

NOTAS CELEBRATIVAS

Celebramos o acolhimento de Maria Toinha pela Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo – AILAP. Por intermédio do Poeta Charlan Fialho, a Mestra Maria Toinha foi convidada para ocupar a Cadeira de Acadêmica Imortal na AILAP, recebendo, na ocasião, o Certificado de Notoriedade Literária por sua virtuosidade e diligência poética.

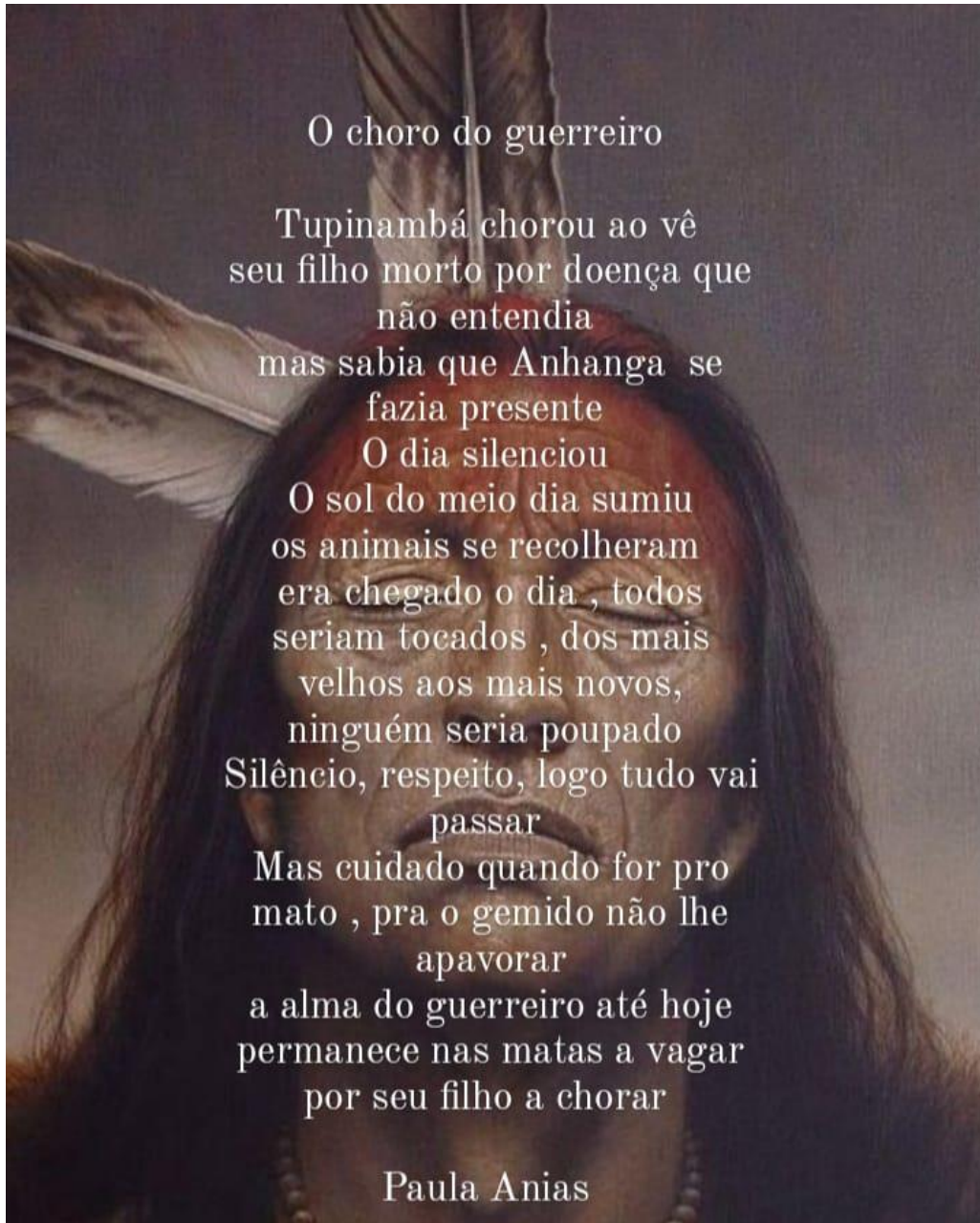


Celebramos a posse de Maria Toinha como Acadêmica Correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciência A Palavra do Século XXI – ALPAS21. A escritora negra foi empossa no dia 26 de junho de 2021, ocupando a 14 na instituição.



O Choro do Guerreiro

Paula Anias



O choro do guerreiro

Tupinambá chorou ao vê
seu filho morto por doença que
não entendia

mas sabia que Anhangá se
fazia presente

O dia silenciou

O sol do meio dia sumiu
os animais se recolheram
era chegado o dia , todos
seriam tocados , dos mais
velhos aos mais novos,
ninguém seria poupado
Silêncio, respeito, logo tudo vai
passar

Mas cuidado quando for pro
mato , pra o gemido não lhe
apavorar

a alma do guerreiro até hoje
permanece nas matas a vagar
por seu filho a chorar

Paula Anias